



Amputados Vencedores



22 Mil
LIVROS PUBLICADOS

Segurança do trabalho • Motivação • Superação
Palestrante Flávio Peralta

Para:

Segurança Sempre!

Um abraço, Família Peralta



© 2009 Flávio Peralta

1ª Edição Nobel Franquias S.A. - Conex
Publicada em 2010

2ª Edição Independente 2012

3ª Edição Independente 2013

4ª Edição Independente 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peralta, Flávio

Amputados vencedores : porque a vida continua – / Flávio Peralta. –
São Paulo : Editora Conex, 2010.

ISBN 978-85-213-1632-9

1. Peralta – Flávio 2. Memórias autobiográficas I. Título.
10-02432 CDD–920

Índices para catálogo sistemático:

1. Pessoas amputadas : Memórias autobiográficas 920

Foto de Capa:

Fotógrafa Ana Vitória Franco dos Santos

porque a vida continua...

Amputados **Vencedores**

flávio peralta

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares

Meus pais, Rafael e Julieta, pela coragem que tiveram em concordar com minha amputação. Por sua atitude corajosa, eu ainda estou vivo. Meus irmãos, Fátima, Fábio e Maria Helena, por estarem sempre a meu lado. Meus sobrinhos, Cirilo e Breno, que abriram suas vidas no momento em que mais precisei.

Aos parentes

Tios, tias, primos, primas e sobrinhos, que vieram em meu socorro e não hesitaram em estar a meu lado em todos os dias de minha vida.

Aos profissionais do Siate e da área de Saúde

Todos(as) aqueles(as) que me atenderam e cuidaram de mim logo após o acidente e contribuíram para minha sobrevivência.

CONTATOS

Site:

www.amputadosvencedores.com.br

Telefones: (43) 3338-1791 e 3028-1791

(43) 9997-6275

Twitter:

flavioperalta

janeperalta67

E-mails:

flavio@amputadosvencedores.com.br

À minha esposa e ao meu filho

Minha esposa, Jane, e meu filho, Vinicius, por me fazerem descobrir o verdadeiro significado do amor e o valor de se ter uma família.

Aos familiares de minha esposa

Meus sogros, José Pedro e Antonieta, meus cunhados, Gisele, Sandro e José Carlos e minhas sobrinhas, Ana Vitória e Ana Clara, que me acolheram com muito carinho e atenção, e souberam entender o grau de minha deficiência.

Aos amigos e amigas

Todos os amigos que conheci antes do acidente e que ainda permanecem em minha vida, e também os novos amigos que surgiram após o acidente, por me aceitarem em suas vidas, sem preconceito.

A todos, muito obrigado.

SUMÁRIO

Apresentação 8

O prefácio 10

Uma vida transformada por um choque elétrico 16

O dia do acidente e o resgate médico 18

A internação hospitalar 21

As cirurgias plásticas 24

O drama da família ao saber do acidente 25

O regresso ao convívio familiar 40

A reabilitação e as próteses mioelétricas 43

A vida social e afetiva 55

A reação dos amigos 55

A primeira namorada após o acidente 56

O noivado 61

O casamento civil e o religioso 63

A vida a dois 64

Os desafios de ser pai 66

Nosso primeiro dia em família 67

A vida profissional 72

A criação do *site* www.amputadosvencedores.com.br 73

A vida de palestrante 75

A criação da mascote “O Peralta” e da cartilha sobre segurança no trabalho 84

Os depoimentos de clientes sobre as palestras 86

Com meus familiares 88

Familiares de Jane Peralta 90

As aventuras de um amputado 91

O futuro 93

APRESENTAÇÃO

Flávio Peralta é um vencedor. Não um vencedor daqueles a quem se tecem elogios após disputas esportivas ou do tipo em que se joga confetes pelos feitos profissionais. Flávio é um vencedor mais amplo. É um vencedor na vida. Um daqueles tipos especiais que nos servem de exemplo e motivação para enfrentar nossos próprios problemas e desafios.

Em 1997 a vida do jovem Flávio foi literalmente sacudida por um violento choque elétrico enquanto ele, um profissional da área, fazia uma manutenção de rotina em um transformador de alta voltagem. Fruto disso, seguiu-se a amputação traumática de seus membros superiores, fato que mudaria sua vida. E, ao contrário do que poderia se pensar à primeira vista, foi uma mudança em alguns sentidos até positiva, como podemos perceber neste corajoso relato em forma de livro.

Assim como aconteceu comigo, depois daquele, digamos, “infortúnio inicial”, representado pelo próprio acidente, Flávio teve uma sequência de “bons acasos” que o fizeram não só sobreviver, mas repensar todos os seus valores e se tornar uma pessoa mais forte, mais tolerante e mais adequada ao mundo e às pessoas.

Depois daquele primeiro momento de confusão e desespero logo após o desastre, Flávio reconstruiu sua vida, casou, tornou-se pai,

reinventou-se profissionalmente e hoje tem uma existência feliz. É paradoxal pensar que, às vezes, é justamente algo que nos parece tão terrível o que justamente nos permite ser pessoas mais completas e mais plenas. Talvez até mesmo pela falta física de um membro ou de uma capacidade perdida, o homem, em sua infinita possibilidade de adaptação e crescimento, encontre dentro de si algo tão ou mais vigoroso e importante do que aquilo que aparentemente lhe faltou.

Flávio fez de sua vida um exemplo e de sua luta uma referência. O seu *site* www.amputadosvencedores.com.br e as inúmeras palestras que faz por todo o País ajudam pessoas que passaram ou passam por desafios semelhantes. Mais ainda, sua visão, sua experiência e seu conhecimento na área de prevenção de acidentes têm ajudado a salvar muitas vidas e a evitar incontáveis incidentes Brasil afora.

Para mim é uma honra poder fazer parte deste livro de Flávio Peralta e de alguma forma contribuir para que amputados vencedores – como eu e ele – possam contar um pouco de sua história e mostrar ao mundo que, ao contrário do que o senso comum imagina, ter uma suposta deficiência não significa ser menos eficiente, produtivo, próspero e feliz.

Uma boa leitura!

Lars Grael
Velejador

Prefácio à 3ª Edição

Posso dividir a minha vida em dois momentos distintos: antes e depois do lançamento do livro *Amputados Vencedores – Porque a Vida Continua*, na Feira Reatech, São Paulo, em abril de 2010. Eu não podia imaginar que esse livro mudaria tanto a minha vida. Me deixou mais maduro, mais experiente e muito mais sensível à causa dos amputados, da pessoa com deficiência e da segurança do trabalho. Recebi muitos elogios e agradecimentos pelo conteúdo do livro e só posso dizer uma frase: eu é que agradeço a todos (as) que adquiriram o livro e fizeram dele um sucesso. Após meu acidente eu pude perceber que o sofrimento de um amputado e de seus familiares é muito grande. Alguns demoram anos para se reerguer, outros nunca se levantam. Foi pensando nessa dificuldade que tornei meu sofrimento e desafios em palavras escritas. Eu queria servir de instrumento para ajudar outros amputados a enfrentarem esse momento tão difícil em suas vidas. A todos (as) muito obrigado.



Esta é a história de um homem
que nasceu assim...



...mas ficou assim...



UMA VIDA TRANSFORMADA
POR UM CHOQUE ELÉTRICO

Em 1968, o Brasil enfrentava o regime militar e, naquele mesmo ano, minha mãe estava grávida de seu terceiro filho. No dia 8 de julho de 1968 eu nasci na cidade de Londrina, no Paraná. Minha mãe, Julieta Assunção, já havia tido outros dois filhos: Fátima e Fábio. Quando meu pai foi ao cartório para me registrar, esqueceu-se de colocar o sobrenome Assunção e, com isso, acabei recebendo o nome de Flávio Lucio Peralta, com o apelido de Leco. Após meu nascimento, minha mãe teve mais uma filha, Maria Helena.

Meu pai é descendente de espanhóis e minha mãe tem origem mineira. Até 1981 morei com minha família. Mas depois resolvi morar com minha irmã Fátima e meu cunhado Rui, na cidade de Araraquara, no interior de São Paulo. Nós éramos muito ligados e ela quis me levar com ela. Naquela cidade fiz muitas amizades e trabalhei em uma algodoaria, como balanceiro, e em uma autoelétrica, como vendedor de peças. Completei o segundo grau, mas não cheguei a cursar nenhuma faculdade.

No início da década de 1990, Fátima e Rui decidiram voltar para Londrina e, para não ficar sozinho, também retornei à cidade e fui morar com meus pais. Em 1992 comecei a atuar com meu pai, Rafael, na área de eletricidade de alta tensão. Ele trabalhava como autônomo para uma empresa privada que executava a troca de transformadores para a Companhia de Energia Elétrica do Paraná. Em 50 anos de atividade ele nunca havia sofrido um acidente sequer. Era muito competente e sabia como executar seu serviço sem se machucar.

Meu pai tentou então me ensinar o que sabia. Juntos, fazíamos a troca dos transformadores, usando a sua caminhoneta. Mas, por

causa de uma crise financeira em 1996, meu pai decidiu trabalhar em outra empresa, como funcionário registrado, e eu continuei prestando serviços de troca de transformadores para a empresa anterior, na qual fui posteriormente registrado. Eu acreditava que sabia tudo e que aquela atividade não era perigosa. Aliás, nem pensava em segurança. Além disso, também costumava viajar com minha irmã Fátima para vender roupas. No final de agosto de 1997 voltei de uma dessas viagens muito cansado e só pensava em dormir. Por isso resolvi não acompanhar Fátima na viagem que ela havia programado para o dia seguinte, a Porecatu. Foi quando o telefone tocou. Era o dia 21 de agosto de 1997, data que mudaria totalmente a minha vida.

O dia do acidente e o resgate médico

Naquele dia, quando cheguei à empresa para trabalhar, fui avisado pelo meu chefe que uma chácara estava sem energia elétrica havia três dias e o proprietário estava desesperado porque precisava regar sua plantação de cogumelos.

Para realizar a troca do referido transformador pedi para utilizar o caminhão munck em vez da caminhoneta, como era habitual, pois estava muito cansado, já que havia feito uma viagem no dia anterior e não tinha dormido bem. Preparei meus materiais (luva, aterramento, capacete, bota, escada, cinto e detector) e me dirigi ao local, juntamente com o motorista do caminhão.

Planejei fazer o serviço e voltar logo para casa a fim de descansar. Àquela altura, nem sequer imaginava que não voltaria a morar naquela casa e que nunca mais veria meu quarto nem teria os meus pertences. Após preparar tudo, eu e o motorista nos dirigimos ao local. O proprietário da chácara estava, de fato, desesperado e implorara à empresa para a qual eu trabalhava para que o serviço fosse realizado

o quanto antes. Assim, lá fui eu para a linha divisória entre a vida e a morte num dia lindo de sol.

Assim que chegamos, desci do caminhão, me aproximei do poste e olhei para o transformador. Percebi que havia uma peça quebrada e pedi para o proprietário do imóvel ir comprá-la. Ele atendeu ao meu pedido e saiu. Num primeiro momento pude verificar que a chave de baixa tensão estava visível no poste, mas não vi a de alta tensão. Soube então que essa última estava perto de algumas árvores, a cerca de 200 metros. Sem coragem de ir até lá, preferi subir no poste e fazer o serviço mesmo assim, até porque fui avisado pelo meu chefe, antes de sair da empresa, que a companhia de energia elétrica havia desligado tudo. Quando chegara à chácara, a caseira tinha confirmado que um funcionário daquela empresa já estivera lá. Logo, concluí que estava tudo certo.

Separei meus equipamentos de proteção. Calcei as botas, coloquei o cinto de proteção e vesti o capacete, mas sem fixá-lo, pois estava sem a alça. Peguei o aterramento, retirei a escada do caminhão e a encostei ao poste. Aquele seria meu último momento com braços e mãos. Comecei a subir os degraus. Estava tão cansado que desejava terminar aquilo tudo o mais rápido possível e ir embora para dormir. Por pouco não dormi para sempre! Perto das duas da tarde, quando me aproximei do transformador, esbarrei nos fios e não tive tempo de utilizar o aterramento. Naquele momento levei um choque elétrico de 13.800 volts.

Senti toda aquela voltagem dentro de mim, correndo pelos meus órgãos, sangue, pele e músculos, e saindo pelo pé direito. Foi uma experiência indescritível e que resultou de uma combinação de fatores. Fiquei ali durante alguns segundos, desacordado e atordoado, em total escuridão, preso pelo cinto de segurança. Meu capacete caíra longe. Desesperado, o motorista do caminhão gritava para que eu não me mexesse. A caseira entrou em pânico e não sabia o que

fazer, já que o dono da chácara havia saído para comprar a peça que eu pedira.

Não demorou muito para que eu fosse socorrido pelo resgate da cidade e retirado daquela situação perigosa e mortal. Na chácara ao lado morava o médico do Siate, pertencente ao Corpo de Bombeiros de Londrina. Ele estava de folga e, ao saber do acidente, correu para ajudar no resgate.

Quando viram minha situação, ele e os paramédicos ficaram apavorados e durante alguns minutos pararam para analisar como iam me tirar daquele poste. Decidiram utilizar a lança do caminhão munck. O motorista se aproximou do poste e o bombeiro Paiva subiu na escada. Assim que me alcançou, me prendeu em outro cinto, colocando-o na lança e, em seguida, cortou o cinto de proteção que eu estava usando. Com muito cuidado, rapidez e eficiência, a equipe conseguiu me trazer para baixo. Foi um resgate arriscado e perigoso, pois, quando o bombeiro Paiva subiu no poste, a alta tensão ainda estava ligada.

Deitaram-me na maca a fim de iniciar os primeiros socorros. Fizeram cortes nas minhas pernas, na altura da coxa, para injetar insulina, pois estavam inchadas em decorrência do choque. Ali, no chão, lembro-me que gritava de dor e gemia ao lado daquelas pessoas sensacionais. Eu perguntava se ia morrer porque era essa a minha sensação. Eles tentavam me acalmar, dizendo que fariam de tudo para me salvar. E realmente o fizeram.

Segue o relato do bombeiro Hélio Paiva:

Fui chamado para atender a uma ocorrência (acidente com choque elétrico). Quando cheguei ao local, a vítima encontrava-se ainda no poste, presa pelo cinto de segurança. Ela foi abordada ainda com vida, mas estava em estado de choque devido aos ferimentos graves. Tivemos muito trabalho, pois a vítima não tinha veias

visíveis. O médico foi até o local e iniciou um processo invasivo, flebotomia*, nos membros inferiores e superiores, além de curativos e de injetar um medicamento para aliviar a dor. O rapaz foi encaminhado para o hospital com vida. No atendimento ele sempre perguntava se ia sobreviver e eu procurei confortá-lo, dizendo a ele que tivesse fé em Deus. Em todos os atendimentos devemos ser rápidos, sábios, eficientes e competentes.

A maca em que eu estava foi colocada na ambulância do Siate e em alguns minutos cheguei ao hospital da Santa Casa de Londrina. Devido à gravidade do acidente, devia ser internado na UTI (Unidade de Terapia Intensiva), pois corria risco de vida. Os profissionais do Siate ficaram esperando junto comigo até abrir uma vaga na UTI. No momento em que saí da ambulância não sabia se voltaria a ver aquelas pessoas. Aliás, não sabia sequer se voltaria a ver a luz do dia.

A internação hospitalar

Ao chegar ao hospital fui encaminhado para o pronto-socorro porque não havia vaga na UTI. Enquanto esperava, permaneci consciente e vi tudo o que se passava. Somente depois de algum tempo fui para o quarto da UTI. Àquela altura estava totalmente inconsciente, com os braços e as mãos enfaixados. O sangue já não circulava naqueles membros, e a cada dia a situação foi se agravando. Minha vida dependia de um milagre. Comecei a urinar sangue porque os rins também foram atingidos e estavam comprometidos. Durante

* Flebotomia é um procedimento cirúrgico em que há secção e inserção de cateter em uma veia periférica para administração de fármacos em um paciente de difícil acesso venoso (dificuldade em puncionar veias).

três dias tomei medicações muito fortes e de custo elevado. Antes que os rins voltassem a funcionar chegaram a chamar um padre para me dar a extrema-unção. Depois de muita oração e persistência médica comecei a reagir e meus rins voltaram a funcionar normalmente. Daquele momento em diante ia enfrentar muitas dores e muito sofrimento.

Meus braços estavam sem vida e me levando à morte. Nenhum sangue corria em suas veias, o que deu início a um quadro infeccioso. Chegara a hora de meus familiares decidirem o que fazer com meus braços. Seria necessário amputá-los para garantir minha sobrevivência. Como estava inconsciente, eu não podia tomar essa decisão. Meus pais foram então consultados sobre a amputação e decidiram assinar o documento. Eles concordaram com ela, com muita tristeza, pois entenderam que era a única forma de salvar minha vida. Meu pai, Rafael, lembra que assinou seis autorizações para a realização das cirurgias.

No centro cirúrgico, o cirurgião vascular tentou serrar o mínimo possível para salvar e manter o antebraço. No entanto, a cada corte percebia que não havia mais vida. Saí da cirurgia e fui para o quarto aguardar a reação do meu corpo. Mas, infelizmente, tive uma infecção no braço direito e fui obrigado a voltar para a sala de cirurgia. Um pouco mais do braço direito foi serrado e acabei ficando com um curto cotovelo no braço esquerdo e sem cotovelo no direito. Meus braços amputados foram doados para uma universidade local, levados pelo meu pai em uma caixa de isopor. Imagino a dor e o sofrimento que ele deve ter sentido. Depois precisei de muito sangue e, nesse sentido, meus familiares realizaram uma campanha para coleta, conseguindo reunir muitos doadores. Toda a família se envolveu. Já que eu não tinha mais braços, foi colocado um cateter nas veias do meu pescoço, através do qual eram injetados o soro e o sangue.

Tio Toni conta o que eles ouviam:

A partir daí a luta foi terrível, com cirurgias e mais cirurgias, e risco de vida constante durante não sei quanto tempo. A gente ouvia frases como: foi amputado mais um pedaço do braço esquerdo; o braço direito foi totalmente amputado; o pé esquerdo também deverá ser amputado; ele está em coma novamente e os médicos acham que não vai resistir. E por aí foi. Até que, finalmente, o drama e o sofrimento de todos acabaram. Demorou, mas acabaram e ele está aí, conosco, com toda a sua garra de viver.

No dia seguinte à amputação começou a jornada de muita dor e sofrimento. Foi a fase dos curativos. Pedi ao médico que fizesse o primeiro. Assim que entrou no quarto para ver como havia ficado a amputação, ele puxou as faixas e eu gritei. Senti tanta dor que lhe disse que não conseguiria suportar tudo aquilo. Ficamos ali, naquele impasse, ele me dizendo que precisava cuidar de mim e eu chorando. Foi então que uma enfermeira chamada Fátima, que assistia a tudo, disse que se encarregaria dos curativos.

Ela sempre entrava no quarto e me dizia “bom-dia”. Naquele momento eu sabia que teria início minha tortura. Quando a via entrar, só pensava em pular pela janela. Antes de iniciar tudo eu ganhava um presente: uma gaze para colocar na boca porque não queria que os outros pacientes ouvissem meus gritos de lamento e dor. De fato, doía muito. Era necessário retirar as necroses que se formavam todos os dias.

Os médicos disseram que essa tortura duraria aproximadamente setenta dias. Eu dizia para mim mesmo que esse tempo seria menor. Orava a Deus, pedindo por isso. E, certo dia, acordei rodeado por médicos. Todos estavam admirados, pois eu já estava livre das necroses. Eles não acreditavam no que viam. Uma nova etapa vi-

ria: as cirurgias plásticas. E eu, nascido com dois braços, passei a viver sem nenhum!

As cirurgias plásticas

Desde antes da amputação, os médicos pensavam em colocar próteses nos meus braços. Toda cirurgia realizada foi estruturada nesse sentido. Após a amputação, o próximo passo seria a realização de enxertos em ambos os braços. A minha pele não voltaria a crescer sozinha em uma extensão tão grande. Seria necessário colocar outra pele sobre aqueles braços descobertos e de cor cereja.

A cirurgia previa a retirada de pele das minhas nádegas ou das minhas pernas. Após uma avaliação, o médico optou por retirá-la das pernas, na altura da coxa. Fui anestesiado para que o cirurgião, utilizando uma lâmina, pudesse retirar uma camada fina de pele, que seria utilizada no enxerto. Tratava-se de um procedimento delicado e de risco, pois meu corpo poderia rejeitar minha própria pele. Em seguida foram enxertados pequenos pedaços de pele de cada vez. Era como se um mapa estivesse sendo costurado em mim. Saí da cirurgia com dois desafios. Primeiro, orar pelo sucesso do procedimento feito. E, segundo, suportar a cicatrização da coxa. Colocaram um arco sobre a minha perna e, por cima, um lençol. Precisei ficar nu durante um tempo para que nada grudasse nas partes do corpo onde a pele havia sido retirada. Foram momentos de muito sofrimento e dor.

Depois de alguns dias, e vários curativos, soube que o enxerto havia dado certo. Quanto à cicatrização da coxa, eu ainda teria de suportar o processo com bastante calma. No início doía bastante, mas depois, com a cicatrização, comecei a sentir uma coceira insuportável. Coçava demais. Os momentos dos curativos exigiam cautela ainda maior, pois todas as gazes que eram colocadas sobre a superfície não podiam ser arrancadas rapidamente. Enquanto uma pele

nova se formava, a enfermeira jogava soro para retirar a gaze. Foi outro momento bastante difícil, mas necessário para preparar meus braços para receberem as próteses.

O drama da família ao saber do acidente

Quero falar também sobre o drama da minha família, que presenciou tudo o que passei. Para os meus pais a dor foi muito maior. Receber a notícia do acidente, do choque elétrico e de que eu estava entre a vida e a morte foi bastante difícil.

Meu pai soube do ocorrido às quatro horas da tarde, quando meu ex-patrão telefonou para avisar que eu havia sofrido um acidente. Porém, ele não lhe disse que tinha sido um choque elétrico. Angustiado, meu pai foi até o hospital da Santa Casa para ter notícias sobre o meu estado. Quando chegou, eu ainda estava no pronto-socorro e lhe pedi que fosse embora para que não me visse daquele jeito. Ele saiu desorientado e foi para a casa da minha tia Lena, que morava próximo ao hospital. Ela lembra que meu pai a abraçou fortemente e, aos prantos, lhe disse que ia perder o filho. Ao perceber seu desespero, tia Lena pediu para o porteiro buscar um copo de água com açúcar. Em seguida, ajudou-o a se sentar em uma cadeira da portaria do prédio e tentou acalmá-lo. Ele só chorava. Quando finalmente se acalmou, foi para casa, onde encontrou minha mãe, que tinha ido visitá-lo naquele dia. Eles já viviam separados. Assim que chegou, meu pai não conseguiu falar. Um dos vizinhos entrou com ele e o ajudou a dar a notícia a minha mãe, Julieta, que entrou em desespero e quis se dirigir ao hospital imediatamente. Minha mãe enfrentava uma artrite reumatoide desde os 30 anos de idade, logo após meu nascimento. Ao longo dos anos, seus joelhos entortaram e seus pés e mãos se deformaram em consequência da doença. Depois de tanto sofrimento no próprio corpo, teria de sofrer também por seu

filho. Consolada, precisou esperar a hora certa para me ver. Minha tia Lena, irmã de minha mãe, temia que ela passasse mal no pronto-socorro. Ela só dizia que queria me ver uma única vez.

Após minha mãe sair, meu pai ligou o rádio para ouvir as notícias e, de repente, o locutor anunciou que o rapaz que sofrera o choque elétrico estava à beira da morte. Assim, ele entendeu que meu estado era grave. Sua pressão arterial subiu, fazendo-o passar mal. Ele somente voltou ao hospital para me ver sete dias depois, quando eu já estava um pouco melhor, embora ainda precisasse amputar os braços. Durante muitos anos foi difícil para meu pai aceitar o que acontecera comigo. Somente consegui superar meu acidente depois que comecei a ministrar palestras. Foi um sofrimento para todos da família, principalmente meu pai, que me havia ensinado aquele serviço. Isso o levou a cultivar um sentimento de culpa ou de descuido.

Minha mãe chegou ao hospital, acompanhada das sobrinhas, e me viu quando eu ainda estava no pronto-socorro. Trocamos alguns olhares e ela se despediu de mim com uma dor insuportável. Estava visivelmente arrasada. Ao voltar para o apartamento de minha tia, onde permaneceu durante quarenta dias, notou que todos estavam em prantos.

Assim que meu pai saiu do prédio da tia Lena, por volta das 17h30, a primeira coisa que ela fez foi telefonar para sua amiga Mércia e para um médico da família, que prontamente se dispôs a ir ao pronto-socorro. Assim que Mércia chegou para amparar minha tia, que também tem problemas de saúde, muitos parentes começaram a telefonar e ir até seu apartamento.

Os primeiros que ouviram a notícia pela televisão foram tio Toni e tia Marília. Ele conta como foi:

Estávamos eu e a Marília na cozinha, tomando o café da tarde. Lembro que passava pouco das 18 h e a televisão estava ligada, apresentando o noticiário da tarde. Terminei meu café e fui para

a sala de estar. Pouco depois ouvi a voz da Marília. Era quase um grito de medo e desespero: “Toni! Toni!”, ela disse, “é o Leco. Ele sofreu um acidente; foi eletrocutado.” E apontava para a televisão, que mostrava a imagem da retirada de uma pessoa de uma ambulância, com todo aquele aparato emergencial, comum em acidentes graves. Ouvi a repórter dizer que o jovem estava entre a vida e a morte. A partir daí o nervosismo, a preocupação e a dor tomaram conta de nossa casa!

Nossa primeira iniciativa foi telefonar para o Armando, que mora em Londrina, para saber a real situação do Leco. Para nossa surpresa, ele não sabia de nada. Ficamos com medo de ligar para a Julieta, para o Rafael e para os irmãos. O Armando ficou encarregado de ir até a casa deles para dar a notícia. Não foi uma noite boa para ninguém, muito menos para o Leco, que estava entre a vida e a morte.

Meus tios Toni e Marília moram em Bela Vista, no Paraná, e assim que souberam do acidente vieram para Londrina. O tio Dirceu, assim como os demais (Vicentina, João, José, Romeu e Dora), que moram em outras cidades, telefonaram para saber de mim. Tio Armando foi direto para o pronto-socorro e depois para a casa de minha irmã Fátima. Duas primas minhas também estiveram lá e depois foram à casa de meu pai. Enfim, muitas pessoas ficaram desesperadas, temendo minha morte. Ao longo daqueles quarenta primeiros dias, o apartamento da tia Lena tornou-se referência para tudo e para todos. Só tenho mesmo de agradecer a ela e a todos os que não se esqueceram de mim.

Minha irmã Fátima também sofreu muito, como relata:

Às vezes, quando paro e começo a lembrar, não consigo acreditar no que passamos. No dia 21 de agosto de 1997, ao chegar de

uma viagem de trabalho, encontrei meus tios Armando e Heloína, além da minha amiga Carmem, na sala de casa. Olhei para eles e perguntei: “O que aconteceu?” Tio Armando, transtornado, disse que meu irmão tinha sofrido um acidente. E eu, apavorada, perguntei como, onde e quando acontecera, onde ele estava e qual era seu estado. Em seguida fui para o hospital para saber notícias dele e dos meus pais. Depois disso teve início uma luta grande e inacreditável. Não sei onde conseguimos encontrar tanta força e coragem para fazer tudo o que foi necessário. Pensando bem, acho que sei, sim: foi nele. Meu irmão simplesmente nos deu essa força. Porque em nenhum momento vi o Leco desanimado, mas sempre lutando de forma corajosa. Lembro-me quando, no décimo dia, o médico nos disse que não havia alternativa a não ser amputar os braços dele. Fiquei transtornada e pedi para o médico retirar apenas o que fosse estritamente necessário. Aí vieram os papéis para permitir a amputação e eu tive que avisar os meus pais para que os assinassem. Foi um momento muito triste, que aconteceu dentro da capela da Santa Casa. Choramos muito, rezamos e depois de algumas horas ele foi levado para o quarto, já sem os braços. Amigos e parentes ajudaram muito, graças a Deus. O médico proibiu visitas porque ele sentia muita dor. Não havia remédio que diminuísse seu sofrimento. Deixei o médico louco de tanto pedir para salvar o máximo que pudesse.

Minha outra irmã, Maria Helena, conta que:

Estava trabalhando quando minha mãe ligou para contar o que havia acontecido com o Leco. Fomos para o hospital e ficamos lá até meia-noite. Foi muito triste e fiquei arrasada, pois os médicos diziam que não sabiam se ele sobreviveria. Chorei muito e não dormi quase nada a noite toda.

Rui, meu amigo e ex-cunhado, enfrentou momentos muito difíceis junto comigo. Ele narra o que passamos:

Meu relacionamento com o Flávio começou quando conheci sua irmã, Fátima, que mais tarde se tornaria minha esposa. Até aí éramos apenas cunhados. Mas, a partir do momento em que fui transferido de Jataizinho para Araraquara, no interior de São Paulo, tudo mudou. Como morávamos longe da família e não tínhamos filhos, a Fátima resolveu chamar seu irmão, Flávio, para morar conosco. Com a convivência passamos a ter um relacionamento muito forte e nos tornamos amigos. O tempo passou, muita coisa mudou e voltamos a morar em Londrina.

Certo dia, eu estava em uma lanchonete, em Jataizinho, quando vi pela televisão a notícia sobre um jovem que havia sofrido um choque elétrico. Naquele momento não ouvi o nome do rapaz. Somente pouco depois soube que a vítima era Flávio Lucio Peralta. Saí de Jataizinho e fui imediatamente para a casa da minha sogra. Assim que cheguei, pela reação dos pais e irmãos, soube que o caso era gravíssimo. Não tínhamos informações sobre o estado de saúde do meu amigo. Fui para o hospital e mesmo assim continuamos sem notícias. Quando saí, encontrei outro amigo que morava ali perto e lhe contei o que havia acontecido. Rapidamente, ele foi buscar uma Bíblia e fizemos a oração mais forte que jamais eu havia feito na minha vida.

Quando os rins do Flávio voltaram a funcionar, ele começou a se dar conta da realidade. Em seu desespero gritava meu nome e pedia que eu ficasse a seu lado. Foi um total desespero. Como eu trabalhava durante o dia, só podia ficar com ele à noite, quando todos os procedimentos ou decisões eram tomados. Eu presenciei tudo. Minhas conversas com Flávio eram infinitas e sempre positivas. Evitei contar as situações mais graves. A necrose avançava,

umentando o risco de infecção. Todas as noites eu acompanhava a realização dos curativos. Era um sofrimento só. Eu sabia que seus braços seriam amputados, mas mesmo assim não deixei de animá-lo. Os amigos, os curiosos e alguns parentes simplesmente sumiram. Então o médico anunciou a amputação.

Para os familiares, momentos como esses são de muita dor e sofrimento, conforme destaca meu tio Toni:

A cada hora recebíamos notícias desconstradas sobre seu estado de saúde, tais como: “Não passa desta noite”, “Está em coma profundo”, “Não responde ao tratamento”, “Se sobreviver perderá os dois braços (o que infelizmente aconteceu!) e uma perna”.

O sofrimento e a dúvida sobre qual era a real situação — se ele ia sobreviver ou morrer — duraram mais ou menos quatro dias. Finalmente, graças à ajuda de Deus e à resistência física do Leco, tivemos certeza de que ele sobreviveria. Mas ainda havia risco de infecção hospitalar e ele estava em coma!

Enquanto passei pelas fases de tratamento e recuperação — durante a internação hospitalar e em casa — pude contar com a ajuda de inúmeras pessoas. Cada uma delas me ofereceu um pouquinho de seu tempo, de sua disposição e até de seu dinheiro. Meu tio Toni, inclusive, conseguiu um avião para me transferir de cidade, conforme relata:

A família se perguntava o que fazer para salvá-lo definitivamente e resolveu conversar com a junta médica que estava cuidando do caso. Eles disseram que na cidade de Londrina não teriam condições de continuar o tratamento. Deveríamos levá-lo para Curitiba. Mas levá-lo como? Faltavam os recursos necessários e a família

não tinha condições. O que fazer? Naqueles dias, na UTI da Santa Casa de Misericórdia, também estava internada a mãe de uma senhora do meio político e de grande influência. Consegui falar com a filha dela, que me disse que já tinha visto o Leco na UTI e, assim como a sua mãe, achava que ele dificilmente sobreviveria. No entanto, estava colocando à disposição da família uma ambulância e um avião UTI para levá-lo para o Hospital dos Queimados, em Curitiba, e tentar salvar sua vida.

Para nossa surpresa, a equipe médica, talvez tocada por Deus, ao ser informada sobre a disponibilidade de remoção para a continuidade do tratamento, resolveu que isso não seria necessário e que faria tudo o que fosse possível em Londrina, dentro do seu conhecimento, para que o Leco sobrevivesse.

Esse meu tio, que foi espetacular, chegou a fretar um ônibus para trazer doadores de sangue da cidade de Bela Vista. Muitos parentes estiveram presentes e cada um deu o melhor de si para ajudar a mim e à minha família. Era muito bom saber que eu não estava só e que meus parentes e amigos não me haviam abandonado. As palavras da tia Miriam sobre meu acidente me emocionaram:

Meu marido nunca chega cedo do trabalho. No dia do acidente do Leco ele voltou antes do habitual e estava transtornado. Alguém havia telefonado. Eu acho que foi seu irmão que mora em São Paulo, o João, mas o Zé não tem certeza. Ele disse que recebeu a notícia quando estava voltando de São Paulo para Vinhedo. Lembra que passou mal e que quase perdeu a direção do carro.

No primeiro momento ficamos atônitos, sem acreditar e sem saber o que fazer. Lembro-me que o Zé chorou muito. Eu nunca o tinha visto chorar assim e fiquei arrasada. Quando um drama dessas proporções acontece, traz muita coisa à tona. O Zé falou muito

sobre sua própria infância, em Londrina, dos sobrinhos pequenos e especialmente do Leco e da Julieta.

O Zé queria era ir para Londrina, mas não havia voo saindo de Campinas. Ele resolveu que iria de carro no dia seguinte, no período da manhã. Ele estava muito nervoso. Falei com um amigo e vizinho, que imediatamente se prontificou a levá-lo. Foi melhor assim. Meus filhos eram pequenos. Fiquei em Vinhedo com eles e o Zé foi com o Márcio para Londrina. Foi tudo muito triste e desesperador, e ninguém sabia ao certo o que ia acontecer. Temíamos pela vida do Leco e, conseqüentemente, as sequelas do acidente, caso ele sobrevivesse.

A sensação era a de um pesadelo. Simplesmente, ninguém queria acreditar no que estava acontecendo. O Zé passou o final de semana em Londrina e retornou sem grandes esperanças. O quadro todo era muito complicado.

Não sei ao certo quando voltamos à Londrina, mas sei que fomos antes da amputação. Entre o acidente e a amputação houve um espaço de tempo determinado por critérios médicos. O Leco estava internado na Santa Casa. Quando chegamos ao hospital, o Zé perguntou se eu teria coragem de entrar. Ele não me acompanhou. Meu marido é muito impressionável no que se refere a doenças. Acho que ele tinha medo de não suportar, de passar mal e causar ainda mais dor ao Leco. Para ele, obviamente, era muito mais difícil do que para mim. Eu entrara para a família havia pouco tempo, mas ele tinha toda uma história de vida com aquelas pessoas. Ele ficou no pátio da Santa Casa, esperando notícias.

Lembro que subi a rampa da Santa Casa com o coração aos pulos. Não sabia o que ia ver nem o que ia dizer. Quando entrei no quarto, o Leco estava deitado na cama. Acho que estava com a cabeça enfaixada e seus braços estavam enormes, enfaixados e pendurados. Eu não consegui dizer nada. Quem disse que estava tudo

bem foi o próprio Leco. Eu estava muito mais assustada do que ele. Conversamos um pouco. Ele falou do acidente e pude perceber que sentia muita dor. Apesar disso estava espantosamente calmo e confiante. Era o Leco que, estranhamente, encorajava as pessoas que o visitavam.

A cirurgia de amputação foi realizada no dia seguinte, vencendo o primeiro passo. Dentro do possível, Leco passava bem. Foi uma grande alegria, mas todos secretamente se perguntavam o que seria da vida dele. Como um rapaz tão jovem poderia suportar e superar as dificuldades impostas pela amputação dos dois membros superiores? Não havia luz, apenas sombras e dúvidas.

Como era de se esperar, a família toda estava muito descontrolada e a Fatinha, irmã do Leco, muito cansada. Ela cuidava de tudo. Passava o dia no hospital, confortava os parentes, tomava as providências necessárias e, sempre otimista, ainda brincava e alegrava o irmão da maneira que podia. Eu me ofereci para ajudar, mas não tinha coragem de ficar sozinha no hospital. Minha cunhada, Heloína, se propôs a ficar comigo e foi uma companheira muito mais corajosa do que eu. Acho que fiquei uns dez dias em Londrina. Eu e Heloína ficávamos no hospital para que Fátima pudesse descansar e resolver suas pendências pessoais. O Leco sentia muita dor e tomava muita medicação. Quando as dores acalmavam, ele dormia. Levávamos jornais e revistas, e conversávamos com ele. Não havia muito o que fazer, a não ser companhia. Ele quase não tinha fome. Tinha muita sede e pedia água, sorvete e gelatina. Todos que o visitavam eram surpreendidos por sua força e coragem.

Quando voltei para São Paulo, comecei a conversar com alguns amigos médicos sobre o ocorrido. Um deles indicou um especialista em próteses. Era um médico sueco (se não me falha a memória), e o meu ortopedista me deu uma carta de recomendação para ser entregue ao diretor de um hospital de São Paulo. Fui ao hospital,

mas o diretor estava viajando. Sem muitas esperanças, entreguei a carta de recomendação a uma secretária e preenchi alguns papéis. Então, ligaram para a Fatinha logo em seguida para marcar uma avaliação, e eu soube que o Leco foi muito bem atendido.

O Leco e a Fátima foram para São Paulo e ficaram hospedados na casa da minha cunhada Irene. Eles passaram por muitas dificuldades juntos, mas essa parte da história a Irene pode contar melhor. O bom de tudo é que o Leco pôde colocar a prótese e começar um longo processo de readaptação a uma nova vida.

Foram muitas cirurgias e muitos tratamentos. Sei também que várias pessoas o ajudaram, especialmente meu marido. Ele é a pessoa mais generosa que conheço e contribuiu muito para a reabilitação do Leco. No entanto, ninguém foi mais corajoso e perseverante do que o Leco e sua irmã Fátima. Ele superou a si próprio e a todo mundo. Quando todos achavam que sua vida estava acabada, ele mostrou que, ao contrário, estava apenas recomeçando. Ele sempre se manteve confiante e otimista e, por incrível que pareça, cresceu como ser humano. A tragédia amputou seus braços, mas não sua mente.

A Fátima merece um capítulo à parte. Ela foi de uma dedicação incalculável. Abandonou sua própria vida para cuidar do irmão e esteve com ele nos momentos mais difíceis e dolorosos. Conheço muito pouca gente capaz disso. Ela foi e é admirável.

Todo acidente de trabalho é algo inesperado e mobiliza toda a família. Eu só tenho a agradecer porque minha família e meus parentes não me abandonaram. Estiveram ali, a meu lado. Uma das pessoas que acompanharam meu sofrimento de perto foi tia Heloína. Quero colocar aqui suas palavras para enfatizar o valor de se ter alguém que abre mão de sua vida para cuidar de outra pessoa:

Eu e Armando ficamos sabendo do acidente do Leco pela Marília. Ela tinha visto o noticiário na televisão. Levamos um tremendo susto. Parecia que tínhamos perdido o chão. Assim que soubemos, corremos para o hospital para termos notícia. Eu não pude entrar. Somente Armando entrou. Senti muita pena dele e não sabia a quem consolar. Armando saiu do pronto-socorro assustado e apressivo. Fomos então avisar a Fátima sobre o acidente. Visitei-o somente uma vez na UTI. Seus braços estavam inchados e enfaixados. Dizia que queimavam e doíam muito.

Quando um dos braços foi amputado, eu estava no hospital e esperei até o fim da cirurgia. Quando eu o vi, senti um profundo mal-estar. Fiquei muito triste ao ver um homem saudável e bonito naquela situação.

Quando pude, fui visitá-lo depois da amputação, junto com a Miriam. Eu o abracei e ele chorou muito. Não chorei, mas o consolei e conversei com ele para que se acalmasse. Quando saí daquele quarto, chorei demais, como se aquilo tudo tivesse acontecido ao meu próprio filho. O Leco é um sobrinho muito querido e tem um coração de ouro. Foi um dia muito triste. A cada amputação eu estava lá e sempre era doído demais.

Quando ele foi para o quarto, entrei no rodízio das tias. Duas vezes por semana eu ficava com ele das 14 h às 19 h. Eu ajeitava ou erguia a cabeça dele no travesseiro, dava água com canudo, comida, sorvete e conversávamos um pouco. Às vezes ele dormia e eu conseguia ler uma revista. Não me cansava. Ele era um paciente exemplar. Na hora em que ele precisava fazer suas necessidades fisiológicas, eu chamava os enfermeiros. As enfermeiras do hospital também o visitavam. O Leco não se lastimava e eu ficava admirada. Ele se resignou à sua dor, foi forte e muito corajoso.

Meu tio Armando, marido da tia Heloína, conta que foi um momento muito difícil:

Assim que soube do acidente do Leco, eu e minha esposa corremos para o hospital. Ele é um sobrinho muito querido e foi difícil acreditar que aquilo estava acontecendo. Eu não conhecia muito bem a Santa Casa e entrei por um lugar pelo qual não poderia. Vi então uma porta e, quando estava chegando perto, dei de cara com um médico com a roupa branca manchada de sangue. Quando me viu, disse que eu não podia estar lá e me tirou do local. Por pouco não vi o Leco no pronto-socorro. Quando o encontrei, logo pensei que ele estava muito mal. Parecia que estavam fazendo uma limpeza em seus braços e retirando a pele que havia sido queimada. Meu primeiro pensamento foi o de avisar a irmã dele. Sabia que Fátima ia se desesperar.

O estacionamento se tornou um dos pontos de encontro de amigos e parentes, e onde eu obtinha muitas informações dos médicos que conhecia. O apartamento da Lena também vivia cheio de gente. Eu me importava com ele e sabia que tinha que ajudá-lo naquele momento. Fazia tudo o que podia. Meus irmãos, que moram em outra cidade, me telefonavam para saber notícias do Leco. Todos se importavam muito com ele e não queriam que morresse. Aliás, meu pensamento e dos demais era esse: “Será que ele vai morrer?”

Passada a dificuldade dos primeiros dias, chegou o momento da primeira amputação. Precisei convencer a Fátima de que ela teria que falar com o pai para assinar a autorização. Nenhum deles queria acreditar naquilo. Mas, certo dia, na capela da Santa Casa, eu e Fátima convencemos Rafael a assinar a documentação. Foi muito difícil, uma vez que ele e Julieta estavam totalmente transtornados com tudo o que tinha acontecido.

Depois da primeira vez que viu o Leco no pronto-socorro, Rafael não quis mais ver o filho. Tinha medo de passar mal por causa da pressão. Mas eu não me conformava com aquilo. Fui até sua casa e disse que ele ia comigo para o hospital, mesmo que não quisesse. Depois de algum tempo ele finalmente se convenceu e foi ver o

filho hospitalizado.

Certa vez, durante a madrugada, recebi uma ligação da Julietta dizendo que estava ouvindo um programa de rádio porque não conseguia dormir, e o locutor dissera que haviam amputado os braços do rapaz que sofrera choque elétrico. Ela estava desesperada e resolvi levá-la ao hospital para ver o Leco. Para os parentes mais próximos, pensar na amputação era assustador.

Após essa fase difícil, eu pensava em como seria a vida do Leco quando tivesse alta. Quem ia cuidar dele? A melhor opção seria que ele fosse para a casa da Fátima e do Rui. A dedicação dessa irmã foi imensurável. Ela fez tudo o que pôde pelo Leco, contando sempre com o apoio de seu marido, Rui. Eles abriram mão de suas vidas para cuidar dele.

Quero concluir dizendo que o Leco sofreu o acidente num momento em que muitas pessoas puderam dar o apoio de que ele precisava. Seus pais estavam tão abalados que não podiam pensar em nada. Eu sempre fui um tio muito próximo e gosto muito deles. Por isso quis fazer de tudo para ajudar a Fátima a superar aquele momento de sofrimento intenso. Nessas ocasiões comprovamos o valor da família e a importância de oferecer aquilo que temos de mais importante: amor e dedicação.

Inclusive minha tia Dora, que mora em Natal, ficou desesperada quando soube do acidente. Recebi muita atenção e oração dos meus parentes e só posso agradecer. Ela lembra:

Numa bela noite de lua cheia (coisas trágicas costumam acontecer nessa fase), recebi um telefonema de minha irmã Vicentina. A princípio pensei que alguém tivesse morrido e quase desmaiei quando soube do acidente com o Leco, apelido pelo qual nós o chamamos carinhosamente. Fiquei atônita e caí em prantos. Lembro que meu marido pegou o telefone para saber o que estava acontecendo. Não

sei se, numa hora dessas, é melhor ou pior estarmos longe. Ficamos sem a noção exata do que estava acontecendo.

Pensei na dor da minha irmã ao ver o filho naquelas condições, assim como na tristeza do pai e dos irmãos. Lembrei-me do filme *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*. Incrível como esse tipo de tragédia podia estar acontecendo em nossa família. Mas Deus sabe o que faz e a razão disso ter acontecido com ele. A nós, coube rezar muito e estar sempre em contato para ter notícias e ajudar de alguma forma.

Alguns meses depois consegui tirar férias e fui até Londrina. Confesso que fiquei chocada com o que vi. Ele tinha o braço envolto por um ferro redondo que, segundo me disse, era para aumentar a massa óssea, o que possibilitaria a colocação da prótese. Era algo muito doloroso e acho que só alguém forte como ele podia suportar tudo aquilo. Imagine como é ser jovem, com 27 anos, e sem os dois braços? Como sobreviver? Nosso querido Leco passou por muitas cirurgias e idas e vindas. Sabemos que foi tudo muito difícil, triste e doloroso para ele, que enfrentou — e continua enfrentando, ainda hoje — vários desafios, mas sempre com muita dignidade, força e alegria de viver.

Muitas pessoas me apoiaram à distância e respeitei o momento de cada uma. Naquela fase inicial muitos abriram mão de suas vidas e dedicaram uma parte de seu tempo para ajudar a mim e à minha família. Vejo isso no depoimento da minha prima Maria Aparecida. Ela fala de seus sentimentos e impressões:

Era início da noite e fui dormir após uma jornada exaustiva de plantão (doze horas no período noturno e mais oito horas no diurno) em um hospital de Londrina. Foi quando meu tio João, de São Paulo, telefonou. Ele queria confirmar se o Leco teria mesmo que amputar os braços. Como sou enfermeira, contatei o hospital onde ele estava internado para obter informações. Disseram-me que não havia riscos. Absurdo! Só depois entendi que a descarga elétrica

tinha sido tão grande. Por isso a preocupação da equipe médica era a de preservar os órgãos vitais, como coração e rins, e acompanhar como reagiriam no decorrer dos dias. A perda dos membros, nesta hora, passa a ser um detalhe. Somente no dia seguinte os enfermeiros e médicos da UTI me deram informações diárias fidedignas e, assim, pude me inteirar da gravidade do caso.

Todos estavam atordoados com o ocorrido. Comprei uma Bíblia e a levei para minha tia, enquanto ela aguardava na sala de espera do centro cirúrgico. Queria que Deus a confortasse porque o risco de morte era muito grande.

A tia Vicentina, que morava em Umuarama-Pr, na ocasião do acidente verbalizou:

Logo que soube eu fiquei arrasada, mas não chorei. Só disse meu Deus, meu Deus. Já vim para Londrina de imediato. Ele estava na UTI quando cheguei e encontrei o pai dele na entrada. Aí eu já passei mal, minha pressão chegou a 20. Eu o vi antes da amputação e seus braços estavam todos enfaixados. Eu sabia que ele ia perder os braços, mas a esperança da irmã dele Fátima e de sua mãe era que ele continuava com o braço. Mas eu já sabia que iam ter que amputar os braços dele e já esperava por isso. No princípio estavam com medo dele morrer. Nós viajamos muito juntos e eu era muito apegada a ele. Estávamos sempre juntos. Senti muito o que aconteceu com ele. Quando eu fiz meu aniversário de 50 anos, em 1998 eu fiz uma festa e convidei toda a família. Flávio foi e estava usando o aparelho Ilizarove para alongar o cotovelo. Ele ficou meio retraído e receoso de ficar perto das pessoas no aniversário. Eu falei “Senta aqui perto de mim”. Ele disse “Não tia. Eu vou sentar lá que eu fico mais afastado”. Acho que ele se sentia constrangido por estar usando o Ilizarove e que não queria chocar as pessoas.

O REGRESSO AO CONVÍVIO FAMILIAR

Quando recebi a notícia que mais desejava — a alta hospitalar—, percebi que não sabia o que fazer nem para onde ir. Pedi à Fátima para passar o final de semana em sua casa, pois assim veria meus sobrinhos Cirilo e Breno, que não sabiam do acidente. Fátima concordou e me levou para sua casa, de onde não saí mais.

Fátima lembra:

Quando cheguei em casa com ele, lá pelas onze da manhã, foi um encontro lindo, entre muitas lágrimas e abraços. Estávamos felizes por ele estar ali, junto com a gente.

Eu não via a hora de sair do hospital, e desejava muito esse momento. Fiquei tão ansioso que precisei tomar uma injeção para me acalmar. Doe tanto que me lembro até hoje. Chegara a hora de me despedir daquele quarto, que havia me acolhido por mais de 45 dias, e olhar todas as coisas que eu queria ver por aquela janela. Tiraram-me da cama e me colocaram numa cadeira de rodas. Ao chegar próximo ao carro, levantei-me e, meio desajeitado, acabei levando um tombo. Caí sentado e quase tive de voltar para o hospital.

Um acidente muda muita coisa na vida da gente, principalmente quando se perde braços e mãos. Daquele momento em diante eu não faria mais nada sozinho e precisaria de ajuda para tudo. Eu não teria condições de voltar para minha casa e para o meu quarto. Meus pais não poderiam cuidar de mim, principalmente porque haviam se separado meses antes do meu acidente. Não daria para morar nem com um nem com outro.

Quando cheguei à casa de minha irmã — minha futura morada —, as crianças vieram me receber no portão. Comovidos e tristes, começaram a chorar quando viram a minha situação. Eu, transtornado, tentei consolá-los. Entramos todos e passei a dormir na cama de um deles. Breno ficou no quarto dos pais, com a mãe, e Rui foi dormir na sala. Naquela época minha irmã ainda estava casada e seu marido me deu o maior apoio. Com o tempo, o casamento deles se desfez e eu tive de dar apoio à minha irmã naquele momento tão difícil.

Maria Helena, minha irmã caçula, descreve como foi o dia da minha saída:

Nunca vou esquecer o dia em que ele saiu do hospital. A Fátima e o Rui foram buscá-lo. Eu e o Breno estávamos na sala quando ele chegou. Abraçamo-nos e choramos.

Teria de me adaptar a tudo. Abria a geladeira e não sabia como pegar a comida. Sentava à mesa e ficava olhando a refeição. Esperava minha irmã chegar do trabalho para me dar banho. Tudo se tornou um desafio e eu passava a maior parte do tempo assistindo a filmes na televisão. O que eu podia fazer? Começava a me sentir deprimido por não ter nada para fazer e por depender tanto de alguém.

Só me arriscava a ir sozinho a um lugar: o barbeiro. Saía uma vez por semana, a pé, para fazer a barba e cortar o cabelo. Atraía olhares de várias pessoas quando andava na rua, pois estava com os dois braços enfaixados e ainda não usava prótese. Parecia que as pessoas estavam vendo um fantasma. Certa vez um motoqueiro ficou olhando tanto para mim que acabou batendo no carro que estava à sua frente. Uma criança, num supermercado, perguntou se meu braço cresceria de novo. Demorou muito tempo para eu entender que teria de me acostumar com o olhar de conhecidos e de desconhecidos.

A reabilitação e as próteses mioelétricas

As sessões de fisioterapia

Ainda no hospital, deitado naquela cama, dia após dia, meu corpo foi ficando estático e eu temia uma eventual atrofia do que havia restado dos meus braços. Se isso acontecesse, não seria possível colocar as próteses. Era muito difícil fazer qualquer movimento na cama. Passado algum tempo, uma fisioterapeuta veio me visitar no quarto. Fizemos exercícios durante uma hora e no dia seguinte senti dores terríveis por todo o corpo. Tive de tomar analgésico e percebi que minha reabilitação não seria nada fácil. Aos poucos, comecei a me levantar da cama e a dar alguns passos pelo corredor, mas sentia muita tontura e logo precisava me deitar. Chegava até a janela do quarto para olhar a rua, pois queria sair logo dali. Entretanto, há momentos na vida em que não adianta correr. Eu já havia corrido demais e acabara sofrendo um acidente de trabalho. A partir de então, precisava seguir bem devagar.

Quando voltei para casa, iniciei as sessões de fisioterapia com a Glauce. Nós nos encontrávamos quase todos os dias para fazer uma longa série de exercícios, por um período de duas horas. Eu ficava deitado no chão e começava a via-sacra dos exercícios. Todas as partes do meu corpo eram movimentadas, da cabeça aos pés. Quando a sessão terminava, eu só queria dormir. Quase um ano depois, comecei a ir ao consultório dela. Durante mais um ano fui até lá, com Glauce fazendo de tudo para me reabilitar. Mas, a certa altura do tratamento, me cansei de fazer fisioterapia. Já não aguentava mais. Foi então que ela me indicou a hidroterapia (fisioterapia na água).

Lá fui eu para outra etapa. Três vezes por semana minha irmã me levava até a piscina para as sessões com a fisioterapeuta Silvana. Foi uma experiência incrivelmente maravilhosa. Era menos cansativo e eu me sentia mais independente. Outra fisioterapeuta me

passava a série de exercícios e eu os repetia. Até então não sabia que podia nadar. Foi somente assistindo ao filme *Nascido em 4 de Julho*, com Tom Cruise, que descobri ser capaz de nadar. Há uma cena em que o ator e outro personagem estão conversando no barco e, de repente, ele salta no mar e começa a nadar. Pensei: “É isso aí, vou tentar também.” E assim, quando estava na hidroterapia, passei a nadar, mesmo sem os braços. Até hoje, quando salto a uma piscina, há sempre alguém preocupado comigo. Acho que pensam que vou me afogar.

Após a hidroterapia, optei por fazer RPG (Reeducação Postural Global) com a fisioterapeuta Ligian, que me ajudou muito. Cada vez que fazia os exercícios, saía de lá quebrado, mas com o corpo fortalecido. Minha última fisioterapeuta foi a Gisele, que atendia em domicílio. Fiz uma série de alongamentos. Mas as dores me acompanham até hoje. Não passo um dia sem dor, principalmente por causa do uso do computador.



A prótese do braço direito

Meu braço direito, amputado acima do cotovelo, já estava cicatrizado e eu me preparava para a primeira prótese. Fui então para a uma clínica na cidade de São Paulo, acompanhado de dois tios e de minha irmã. Acabei ficando quarenta dias para aprender a usar a mão mioelétrica. Pagamos um alto valor pela prótese e foram dias muito difíceis. Eu passava o dia inteiro na clínica e voltava no final da tarde para a casa do meu tio, que nos acolheu em São Paulo. Não tenho palavras para agradecer a todos os parentes que me ajudaram nessa fase da minha vida. Meus tios foram fantásticos, especialmente minha tia, que nos levava de carro para cima e para baixo sempre que podia. Vários parentes dedicaram horas de suas vidas para me ajudar, e outros pagaram várias despesas. Tia Irene recorda como foi essa fase:

Tomamos conhecimento dessa fatalidade através do telefonema de um parente. Foi um choque muito grande e logo veio à minha mente como um rapaz tão jovem poderia viver sem os braços, quais seriam as dificuldades para se adaptar à nova situação e como ia aceitar essa limitação.

Quando soube que ele viria para minha casa, em São Paulo, para dar continuidade ao tratamento em um hospital, minha preocupação era como eu ia enfrentar aquela situação, pois me achava incapaz de vivenciar momentos com pessoas portadoras de deficiências físicas.

Mas, graças a Deus, tomei coragem. Quando Flávio entrou em casa, minha vontade foi acolhê-lo e ajudá-lo, tendo consciência das minhas limitações em lidar com esse tipo de situação. Percebi que a expressão dele foi de dúvida e de como seria visto e recebido naquele estado.

Mas o que mais admirei foram seu otimismo e grande força de vontade. Ele sempre manteve o pensamento positivo, na expectativa de que, lá na frente, estaria melhor. Soube enfrentar momentos muitos difíceis, como, por exemplo, o preconceito. Muitas vezes, ao entrar no elevador do prédio em que morava, percebia que as pessoas evitavam subir junto com ele, principalmente quando passou a usar um aparelho de metal nos braços. Nas idas ao hospital víamos pessoas sem braços e sem pernas, que apresentavam grande dificuldade para se locomover. Questionávamos como poderiam sobreviver com esse grau de dependência e até agradecemos por Flávio ter perdido apenas os braços.

Houve também momentos de descontração, como quando conversávamos sobre o tipo de trabalho que ele poderia fazer. Lembro-me de ter-lhe sugerido a possibilidade de explorar sua voz, tão forte e bonita, em atividades como a de locutor ou palestrante. Entretanto, nas conversas que tive com sua irmã Fátima, soube que Leco sentia muita tristeza quando se deitava, demonstrando o cansaço e o desgaste, decorrentes da situação que estava vivendo.

Fátima fez muito por ele. Sua dedicação, em todos os momentos, foi impecável. É digna de ser homenageada, pois demonstrou a verdadeira capacidade de doação. Várias vezes teve que deixar seus filhos e o trabalho para se dedicar ao irmão.

Quarenta dias se passaram e, finalmente, consegui aprender todos os movimentos da mão mioelétrica, com o auxílio de um equipamento eletrônico. Eu abria e fechava a mão com o movimento dos músculos. Voltei então para casa e fiquei duas semanas em Londrina, esperando a tão sonhada independência. Acreditava que faria muitas coisas com aquela prótese mecânica, pois já mexia os dedos e o cotovelo. Compramos essa prótese sem ter visto nenhuma foto dela.

Todo o treinamento era tão exaustivo que decidimos ir a Santos, para que eu pudesse relaxar um pouco. No início, tive dificuldade em aprender os comandos. Mas, quando voltei do litoral, já fazia tudo o que precisava. Às vezes a tensão é tão grande que precisamos nos desligar de tudo.

Meu primo Alexandre, filho dos tios Irene e João, conta como foram esses momentos:

Após alguns dias, Flávio foi à nossa casa para iniciar um trabalho junto à AACD. Foi um período difícil, porque nós todos tivemos que aprender a conviver com a situação. Ele necessitava de cuidados e de ajuda para praticamente tudo. Naquele momento nossa família colocou em prática o princípio de ajuda ao próximo e a capacidade de superação, a despeito de qualquer preconceito e limitação que cada um de nós pudesse ter. Foram várias as idas e vindas ao hospital para testes com a prótese, fisioterapia, *check-ups*, etc.

Eu conversava com ele somente no período noturno, pois precisava trabalhar. Mas me lembro dos grandes momentos que passamos juntos, em que pude sentir como ele estava mais forte do que muita gente neste mundo que não tinha passado por aquela situação. Lembro uma vez em que fomos a um bar/restaurante perto da Praça Panamericana, em São Paulo, e naquele momento tive mais do que certeza de que nada nesta vida poderia tirar a felicidade de uma pessoa se ela, internamente, se propõe a superar os obstáculos à sua volta. Ele curtiu o bar como eu e como todos que estavam por lá. Em nenhum momento se sentiu diferente. Na verdade, ele não é diferente, apesar de parte da sociedade pensar que ele seja.

Depois de duas semanas voltei a São Paulo para buscar meu

braço, juntamente com minha irmã. Fiquei na recepção, ansioso e nervoso, aguardando a chamada. Quando finalmente me levaram para uma sala e vi aquela prótese em cima de uma bancada, quase desmaiei. Comecei a passar mal, mas não falei nada para ninguém. Na sala havia aproximadamente vinte funcionários da clínica que queriam acompanhar a colocação da prótese.

Luiz Antonio Mergulhão, da AACD de São Paulo, que me atendeu naquele dia, falou sobre como foi esse atendimento:

Lembro bem como se fosse hoje. Era manhã de sexta feira e estava trabalhando em minha sala, quando me pediram para conversar com um paciente amputado de membro superior. Prontamente atendi ao chamado e fui recebê-lo.

Quando anunciei seu nome na recepção, reparei que não estava sozinho, havia mais pessoas o acompanhando, todos com cara de Ué! E o que significa ué: assustados, desconfiados e cheios de curiosidade. E isso é completamente normal, porque não é comum este tipo de atendimento no dia a dia das pessoas. Não é como chegar a um hospital ou pronto socorro e ser atendido como um paciente aguardando ser medicado. Então, perguntei seu nome, ele me respondeu: “Flavio”. Meio tímido, mas respondeu. Convidei-o a entrar e para não deixá-lo sozinho e inseguro, convidei também todos os seus acompanhantes. Seu olhar mudou de assustado para um olhar de alegria e contentamento. Quando lhe pedi para mostrar a prescrição medica e verificar o que foi recomendado foi muito engraçado, assim que todos se sentaram, mal comecei a mostrar os modelos de próteses, veio uma chuva de perguntas, tais como: “Vou poder dirigir? Da pra tomar banho? É difícil de se adaptar? Vou fazer tudo que fazia antes? Demora muito pra fazer?”. E quase sem fôlego, fui respondendo a todos até que se sentissem seguros.

Após todos estarem esclarecidos fomos à confecção da prótese e para se

confeccionar uma prótese mioelétrica são necessários alguns testes. Quando comecei a tirar de uma gaveta um aparelho e um monte de fios, aconteceu o inusitado. Flavio havia perdido seus membros recentemente por descarga elétrica, e alguém, não me recordo quem, perguntou:

- Você vai dar choque nele com esse aparelho?

- Não! Respondi rapidinho. --Vou apenas achar os melhores pontos para treinarmos e estimularmos seus músculos preservados.

Com o passar dos dias de treinamento a confiança tornou-se mais forte. E foi assim que terminamos o treino, confeccionamos a prótese e finalizamos todos os procedimentos.

E depois de tanto tempo, anos com certeza, o encontrei em um desses Congressos de Ortopedia Técnica, totalmente adaptado e como modelo do stand.

Quero parabenizá-lo Sr. Flávio Peralta. Seu nome faz jus a tua vida, dentro dela percebi o quanto você tem de peralta e o quanto a sua perseverança é peralta, e isso lhe foi extremamente necessário para que não deixasse esmorecer.

Parabéns, e continue sendo esta pessoa maravilhosa e cheia de lição de vida pra doar.

Um enorme abraço de seu amigo, Luiz Antonio Mergulhão – AACD São Paulo



Depois de voltar a Londrina, decepcionado, soube que havia um médico sueco que atendia em uma universidade de Bauru, no interior de São Paulo. Tratava-se de um especialista em colocação de próteses, fixadas no corpo do paciente por meio de parafusos. Fiquei muito motivado em ir até lá.

Uma prima nos levou até Bauru. Fomos eu e minha irmã Fátima. Paramos no centro da cidade para comer e, ao descer do carro, me desequilibrei e caí. Meu braço ainda estava cicatrizando, por isso ficamos todos apavorados com o incidente. Ao chegar à universidade, encontrei muitas pessoas amputadas ou com problemas físicos a ser corrigidos por esse médico.

Quando ele me atendeu, ficou impressionado com a situação e muito entusiasmado em poder utilizar em mim a sua técnica. Ele pretendia me levar para a Suécia para fazer uma operação, na qual seria colocado um parafuso no osso do meu braço para que a prótese pudesse ser rosqueada. Seria um experimento e não teríamos garantia de nada.

Diante desse quadro de incertezas, eu e meus familiares optamos por recusar a proposta. Seria muito difícil fazer todo o acompanhamento necessário e eu poderia sofrer uma rejeição na parte que restara do cotovelo esquerdo.

A recuperação do braço esquerdo e a colocação da prótese

Superada essa fase de tristeza e decepção, tive de me concentrar em recuperar o braço esquerdo. Achava que colocar uma prótese em um braço com cotovelo seria mais fácil. Decidido a fazer isso, fui até a

* Um fixador externo, desenvolvido em 1951 no Centro Ortopédico de Kurgan, na Rússia, pelo prof. Gavril Ilizarov. Só chegou aos países ocidentais em 1981.

cidade de Campinas para uma consulta com outro especialista.

O médico olhou meu cotovelo, analisou o tamanho do braço e a pele do primeiro enxerto, e disse que seria necessário me submeter a mais duas cirurgias. Uma em São Paulo, para ampliar o cotovelo, deixando-o mais longo. Outra em Londrina, para colocar uma pele mais resistente. Confesso que saí dali sem saber se teria coragem de fazer mais essas cirurgias.

Fui para casa e comecei a pensar no assunto. Junto com minha família decidi que seria melhor depositar todas as minhas forças e esperanças nessa tentativa, uma vez que a colocação de uma prótese em um braço com cotovelo teria mais chance de dar certo.

Marcamos a consulta e fomos para um hospital em São Paulo. Lá o médico me explicou que quebraria o osso e colocaria um aparelho chamado Ilizarov*, para esticá-lo. Fui para a sala de cirurgia e quebraram meu osso para fixar o aparelho. Lembro-me que sempre passava muito mal em cirurgias por causa da anestesia. Mas, dessa vez, não tive ânsia nem vomitei. Quando me levaram para o quarto, comecei a sentir algo estranho. Parecia que minha língua estava crescendo e que não cabia na boca. Foi então que percebi que estava tendo um choque anafilático. Minha irmã havia saído e eu estava sozinho. Notei que uma faxineira limpava o quarto e resolvi dar um chute nela. Ela viu que eu estava passando mal e correu para chamar a enfermeira.

No dia seguinte acordei no quarto da UTI, rodeado por médicos. Eles me perguntaram se eu estava bem e informaram que eu tivera um choque anafilático, provocado pela anestesia. Naquele momento minha irmã entrou no quarto e disse que eu estava brigando com a morte. Respondi que, se havia chegado até ali, era porque não ia desistir.

Mais uma vez a morte não me levou. Voltamos para casa e me sentia um homem robô. Fui presenteado pelo médico com uma chave 9/16 para desapertar os parafusos do aparelho. Sentia muitas do-

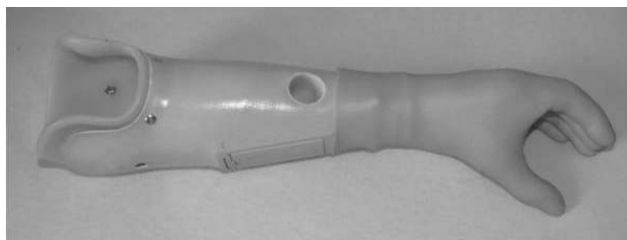
res, principalmente quando a temperatura variava. Bastava ameaçar chover e as dores começavam. Tomava bastante analgésico para suportá-las. Depois de seis meses de muitos cuidados, voltamos a São Paulo e o médico avaliou que meu osso crescera seis centímetros. Foi uma felicidade. Entretanto, recebi outra notícia, não tão boa: que teria de ficar mais três meses com o aparelho, até cicatrizar o osso. Eu não esperava por aquilo. Achava que ia retirá-lo logo. Somente após três meses e uma nova cirurgia isso aconteceu.

Com a retirada do aparelho, o médico me encaminhou para outra cirurgia plástica. Decidimos procurar um especialista em Londrina e acabei sendo atendido por um cirurgião plástico japonês. Na consulta, ele me perguntou se eu queria fazer a cirurgia mais fácil ou a mais complicada. Escolhi, claro, a mais simples, correndo o risco de outra rejeição. Nessa cirurgia, o médico abriu minha barriga e retirou pedaços de pele e de músculo, os quais foram costurados sobre o cotovelo do braço esquerdo. Esperávamos que meu corpo aceitasse isso, mas houve uma rejeição e recebi a notícia de que havíamos perdido o enxerto.

Lembro que chorei muito quando soube, pois já não tinha mais forças para lutar. Minha irmã e minha mãe me consolaram e pediram que eu não desistisse. Não sei de onde tirei ânimo para mais aquela jornada. Somente Deus, mesmo, podia me levantar de novo. Nem voltei para casa e, três dias após a primeira plástica, realizamos a segunda, que seria muito mais arriscada.

No segundo procedimento cirúrgico, o médico fez um corte para introduzir meu braço dentro da minha própria barriga. Depois costurou as bordas e eu fui para casa com o braço pendurado. Fiquei assim durante quarenta dias, sem tomar banho direito, sem me mexer muito e dormindo em um sofá, pois tinha medo de cair da cama. Todo aquele sacrifício valeu. A cirurgia deu certo e fiquei liberado para fazer a segunda prótese. Às vezes precisamos ver além e não nos

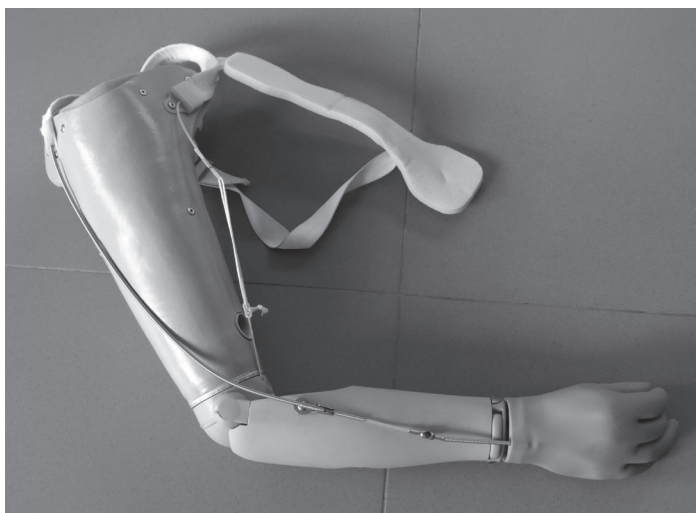
prendermos ao dia de hoje. Toda luta diária de recuperação vale a pena quando podemos ficar melhor depois.



Prótese do
braço esquerdo

Em 1999, depois de dois anos do acidente, consegui colocar a prótese que esperava. Da mesma forma como foi feita com a direita, tive de fazer vários testes para aprender a abrir e fechar a mão. Mas foi bem mais fácil. Estava tão animado que tinha certeza de que tudo daria certo. Dessa vez viajei para a cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, e fui atendido pelo médico japonês Sérgio Kamia, técnico em próteses (aliás, foram muitos os profissionais japoneses que me atenderam). Quinze dias depois, passei a usar a prótese, e uma alegria invadiu o meu coração. Levei algum tempo para perceber que as coisas mudariam em minha vida e que voltaria a fazer pequenas ações, das quais nem me lembrava mais. Eu precisava compreender que poderia ser mais independente se usasse a prótese e também se fizesse os outros entenderem que eu era capaz de me virar sozinho. Para aqueles que estavam ao meu redor, isso seria também um desafio. Todos estavam acostumados a cuidar de mim e essa realidade precisava mudar. Com o tempo, fui aprendendo a escovar os dentes sozinho, acionar o controle da televisão, digitar no computador e pegar uma garrafa de água. Cada uma dessas pequenas atividades me devolvia a vontade de viver. Como é bom ser independente, inclusive nas pequenas coisas! Fazemos tantas coisas quando temos braços que só nos damos conta disso quando os perdemos.

Notei que os olhares mudaram quando passei a usar a prótese. Senti-me mais seguro diante do olhar das outras pessoas e tive a sensação de que eu era menos “diferente”. Quando me olhava no espelho, achava que estava menos “assustador”. Para entender um pouco melhor o olhar das pessoas li *O estigma*, de Erving Goffman, livro que me ajudou muito a superar essa fase. Compreendi que me olhariam com pena, compaixão, medo e angústia, entre outras reações. Aprendi a conviver com isso e já não me sinto mais tão mal assim.



A VIDA SOCIAL E AFETIVA

A reação dos amigos

Sempre tive muitas amizades e conversava com várias pessoas, tanto em Araraquara como em Londrina. Eu era do tipo que estava sempre pronto a ajudar alguém. Quando voltara a morar em Londrina, tinha deixado muitas amizades para trás e, ao sofrer o acidente, não falei com nenhuma dessas pessoas. Somente fomos nos reencontrar em setembro de 2008, quando fui passear em Araraquara com minha família. Foi um encontro cheio de emoções, pois eu não os via desde 1992. Cada um levou sua família e, na churrasceria, relembramos os velhos tempos. Fiquei muito feliz com aquele reencontro e todos me trataram muito bem. Pude perceber que certas amizades duram a vida toda, não importa como estamos.

Para muitos amigos de Londrina, meu acidente foi forte demais. Nunca mais reencontrei certas pessoas. Outras, eu as vejo e nos encontramos algumas vezes. E, ao longo dos anos, fui apreendendo a não perder as oportunidades de sair com amigos.

Muitas vezes eu telefonava para que me pegassem em casa e ficava um tempão esperando até que chegassem. Outras vezes ninguém aparecia e nem me avisavam. Eu sofria calado e ficava triste, mas ligava de novo. Certa vez fui a um churrasco e estava lá um casal de amigos. O rapaz começou a me servir na boca, mas a mulher dele implicou e, de maneira ciumenta, disse que também queria ser servida na boca. Criou-se um clima esquisito e eu fiquei sem graça. Afinal, estavam brigando por causa de uma situação sem nexos. Eu sempre precisaria de alguém disposto a me servir e cuidar de mim. E isso não é algo fácil de encontrar. Hoje eu avalio que existem poucas

peessoas prontas a servir.

Em outro momento, quando eu e minha irmã fomos ao médico, enquanto eu aguardava a consulta, Fátima foi até o carro, mas antes passou por um orelhão. Ela então ouviu a pessoa falar para a outra, pelo telefone, que havia visto seu amigo sem os braços e que não tinha coragem de falar com ele. Fátima voltou ao consultório, me contou o que ouvira e fez questão de me levar até o orelhão. Lá estava um amigo, que quase desmaiou quando teve de falar comigo. Passei por muitas situações similares. Várias pessoas se esquivavam de mim quando me encontravam na rua. Outras, ao darem carona para minha mãe, já avisavam que não iam descer, pois não tinham coragem de me ver daquele jeito. Naquele tempo eu me sentia rejeitado, ignorado, estigmatizado, com muitos sentimentos me invadindo cada vez que passava por aquilo.

Muitos anos se passaram desde 1997 e não me deixo mais abater por essas situações. Recebo poucas visitas de amigos, até porque, quando casei, mudei minha vida. Através da internet fiz amizade com centenas de pessoas amputadas e com deficiência, com as quais falo todos os dias. A rejeição é uma página virada em minha vida.

A primeira namorada após o acidente

Reconstruir a vida amorosa parecia uma tarefa difícil. Muitas vezes pensava que não conseguiria mais namorar ninguém e, muito menos, casar. Aos 29 anos, me vi só e sem os braços, totalmente dependente. Sendo assim, que mulher ia me querer? Estaria eu fadado à solidão? Teria de morar com minha irmã pelo resto da vida? Mas, num dia especial, um amigo que residia em Campinas foi a Londrina me visitar. Ele me convidou para sair e eu fui com certa resistência, pois tinha receio do olhar das pessoas e de mim mesmo. Estava com a autoestima lá embaixo e totalmente sem esperança.

Mas resolvi sair com meu amigo e fomos a uma sorveteria. Claro que ele teria de me servir, e eu não sabia se ele ia ou não brincar comigo. Quando sentamos, avistei um amigo que não via há muitos anos. Ele estava com a esposa e alguns amigos da igreja que frequentava. Esse amigo veio até a minha mesa, sentou-se e começou a perguntar sobre o acidente. Era a primeira vez que me via sem os braços. De repente, uma moça sentou-se à nossa mesa e também começou a perguntar sobre o ocorrido. Ela se apresentou. Chamava-se Jane. Eu pensei que era a esposa do meu amigo, embora fosse bem mais alta que ele.

A conversa terminou e nos levantamos para ir embora. Já em pé, ela me convidou para ir à sua igreja no sábado seguinte. Dei-lhe meu telefone e pedi que me ligasse. Na sexta-feira daquela semana ela me telefonou e combinamos de nos encontrar na igreja. Fiquei muito emocionado e ansioso pelo encontro. Afinal, eu estava sem ninguém havia dois anos. Não sabia mais o que era um abraço, um beijo.

Estava tudo acertado, mas naquele sábado recebi a visita inesperada de um tio que morava em Curitiba e ele me convidou para acompanhá-lo a uma exposição agropecuária. Resolvi aceitar o convite, mas antes fui até a igreja para dizer à Jane que não poderia ficar. Percebi que ela se decepcionou. Combinamos de sair no meio da outra semana para passear.

Daquele momento em diante nasceria um grande amor. Durante os passeios nos tornamos grandes amigos e, da amizade, partimos para o namoro. Fomos ao cinema e lá nos beijamos pela primeira vez. Por coincidência, ao sairmos do *shopping*, encontramos a mãe dela. Nunca vou me esquecer daquela cena. A mãe se apresentou e sorriu para mim; acho que nem imaginava que eu viria a ser seu genro.

Com o tempo fui percebendo que tínhamos histórias muito parecidas, principalmente pelo fato de Jane também ter sofrido um acidente de trabalho. Seu depoimento a seguir, mostra a importância que uma mulher tem na vida de um homem.



No dia 14 de maio de 1981, em Umuarama, Paraná, como de praxe, acordei, levantei da cama, tomei café e me vesti para ir trabalhar. Parecia que seria mais um dia comum. Naquela época eu trabalhava com meu pai em sua construtora. Já era independente, bastante teimosa e costumava andar pela cidade em minha moto. Aquele dia, em particular, amanhecera cinzento e nublado, mas mesmo assim saí para mais uma jornada de trabalho. Tinha 13 anos, 1,74 metro de altura e já me considerava adulta. Depois de um dia normal, era hora de voltar para casa. Quando pisei na calçada e subi na minha moto, vi uma família que morava no prédio ao lado sair no mesmo momento que eu. Cumprimentei-os e fomos na mesma direção. Eu me dirigi por uma rua e eles foram por outra. A cerca de 800 metros dali resolvi não parar em uma esquina já perto da minha casa. Eu pensei: “Sempre passo por aqui e nunca cruzei com um carro, desta vez eu vou passar direto.”

Não vi nada e não me lembro da cena do acidente. Só soube que bati justamente naquele vizinho que havia cumprimentado minutos antes. Com a colisão, o farol do carro quebrou e estraçalhou minha perna direita, abaixo do joelho. Caí a alguns metros

da moto e o sangue jorrou para todo lado porque havia cortado a artéria. Uma amiga que viu o acidente precisou tomar calmante para dormir à noite. Aquele senhor ficou tão desesperado que não conseguiu sair do lugar. Uma pessoa que passava no momento do acidente parou seu fusca, me colocou dentro do carro e me levou a um hospital.

Quando cheguei ao hospital, já estava em estado de choque. Perdi muito sangue e fizeram uma transfusão para garantir minha vida. Aquela noite foi desesperadora para meu pai e minha mãe. Ao passarem pelo local, após o acidente, acharam que eu havia morrido. O médico lhes disse que eu podia morrer. Depois, passado o risco de morte, ele avisou que eu podia perder a perna porque estava toda retalhada.

No dia seguinte teve início um longo período de recuperação, com muitos curativos e várias cirurgias. Como a extensão do corte era grande, tive que fazer uma nova cirurgia dois meses depois para realizar um enxerto de pele. Foi necessário retirar pele das nádegas para isso. Como foi difícil! Tive que ficar deitada de barriga para cima, sobre uma raspagem forçada nas nádegas. Depois que superei a fase de dor, veio a fase da cicatrização, que provocava uma coceira terrível. Senti que a dor era mais suportável do que a coceira. Após muita paciência e resistência, os ferimentos cicatrizaram. As marcas que ganhei nas nádegas compensaram o resultado alcançado na perna. Mais uma vez o médico avisou que podia não dar certo. Durante a cirurgia escutei o médico dizer que a lâmina não estava cortando nada. Abençoado Dr. Carlos Alberto, que aguentou minhas crises, meus choros e meu mau humor.

Após alguns meses voltei a caminhar, mas precisava superar alguns problemas. Meu pé estava caído e eu tinha 83 pontos na

perna. Só me restava usar tênis e esperar uma adolescência cheia de desafios.

Em outubro de 1981 começamos a procurar outras possibilidades. Encontramos um neurocirurgião que garantiu que meu cérebro não ia mais conseguir comandar o movimento do pé. A alternativa seria utilizar um aparelho (goteira) que deixaria meu pé fixado a 90 graus. Indicou-me a AACD, em São Paulo, e em fevereiro de 1982 eu e meu pai fomos até lá. Lembro-me que, a primeira vez em que usei a goteira, pude atravessar a rua, em direção à antiga rodoviária de São Paulo, com grande alegria. Como uma coisa tão pequena pode fazer tanta diferença em nossa vida! Naquele momento percebi que poderia viver muitas coisas boas. Aliás, eu sempre tive uma visão positiva de tudo isso e não ia me deixar abalar por causa de um pé caído. Afinal, sobrou a perna.

Em 1985 me submeti à última cirurgia. Como meu pé estava torto, foram puxados alguns nervos para deixá-lo mais reto. Abençoado Dr. Hilário Maldonado, de Marília, em São Paulo.

Às vezes me perguntam qual é a minha deficiência. Confesso que demorei a entender que eu era uma pessoa portadora de deficiência. Embora tenha me acidentado de moto em 1981, só passei a usar alguns serviços preferenciais, como, por exemplo, o caixa especial para deficientes em instituições bancárias, em 1993.

Entre na adolescência usando somente um tipo de calçado: tênis. Imaginem uma mocinha usando qualquer tipo de roupa, sempre com um tênis no pé. Mesmo com essa limitação, não deixei de sair com meus amigos, namorar, cursar uma faculdade, encontrar vários empregos, casar e me tornar mãe. Portanto, a limitação, muitas vezes, está em nossa cabeça e em nosso coração.

Meu marido, o Leco, é uma pessoa fantástica e aprendemos juntos a cada dia de nossas vidas.

Com uma mulher assim, eu tinha realmente de enfrentar o desafio de conhecer seu pai. Lá fui eu me apresentar a ele. Naquela época eu ainda não usava prótese. O pai da Jane me tratou normalmente. Acredito que deve ter passado pela cabeça dele que sua filha namorava um inválido. Mas a Jane sempre fez tudo que quis e seu pai não se opôs a nosso namoro. Já havia conhecido sua irmã, Gisele, e o marido da irmã, Sandro, na igreja. Seu outro irmão, Carlos, também não ficou admirado e respeitou a decisão da Jane. Presenciei o nascimento de nossa primeira sobrinha, Ana Vitória, no início do namoro.

Comecei então a frequentar a igreja e resolvi me converter. Antes do acidente não costumava frequentar nenhuma igreja; somente quando precisei de Deus, entendi a importância da fé. Ficar vivo foi o primeiro milagre e continuar vivendo, sem os braços, foi o segundo. Após um ano, decidi me batizar e começamos a nos preparar para o casamento. Namoramos de 1999 a 2001. Foi um período de muitos desafios. Tivemos muitas alegrias e tristezas, rimos algumas vezes, terminamos o namoro em outras, mas entendemos que nos amávamos o suficiente para ficarmos juntos e construir uma vida a dois. Por isso, marcamos nosso casamento para setembro de 2001.

O noivado

Jane me disse que durante três anos rezara para encontrar um marido. Ela costumava ir à igreja, onde deixava um bilhete com esse pedido. Eu brinco com ela, dizendo que Deus ouviu suas preces, ainda que o marido tenha chegado “com um pedaço a menos”.

Fizemos a festa de noivado e, depois daquele dia, passei a usar a aliança em uma corrente pendurada no pescoço. Foi um período de preparação, pois eu não sabia como ia assumir uma vida a dois. Estava seguindo a maré, sem pensar muito no assunto. Pouco pude ajudar na parte financeira. Quanto à parte emocional, não me sen-

tia muito seguro e estava com medo de enfrentar esse novo desafio. Como seria conviver com Jane? Quem ficaria comigo, enquanto ela trabalhava, já que tinha três empregos? Onde íamos morar? Tudo isso me deixava ansioso e com muito medo.

Fizemos então a preparação para as bodas com o pastor da igreja e refletimos sobre o casamento, os desafios que íamos enfrentar e as formas de manter a nossa fé acesa. Foi muito bom falar desses temas e avaliar nossos medos e anseios. Naquele período Jane ainda era muito reservada e não falava sobre seus sentimentos.

Ignez, tia da Jane que mora em Maringá, disse-lhe para pensar bem antes de se casar comigo, pois cuidar de um deficiente físico não é fácil. Disse que, se fosse para me fazer sofrer, seria melhor não casar. Acho que Jane guardou muito bem essa mensagem, pois fala disso até hoje.

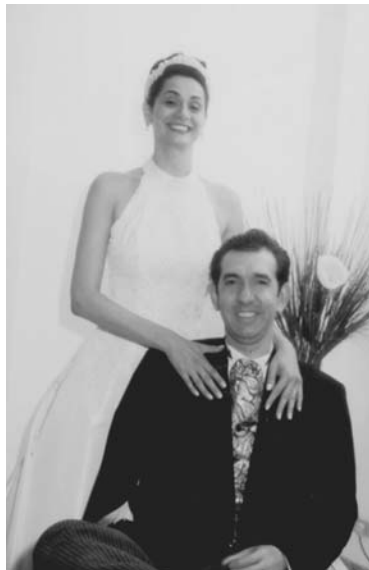


O casamento civil e o religioso

Eu e Jane nos casamos no cartório de registro civil no dia 6 de setembro de 2001 e, na igreja, em 7 de setembro de 2001. Preparamos tudo com seis meses de antecedência. Convidamos 400 pessoas e todos os parentes para a cerimônia religiosa. Naquele dia, todos saíram de casa e eu fiquei sozinho, pensando no que ia viver dali para a frente. Minha irmã voltou às 19 h e perguntou se eu já estava pronto. Respondi que ainda não havia aprendido a me trocar com os pés!

Quando cheguei à igreja, fiquei muito emocionado e queria demais ver a Jane. Tios e alguns amigos foram nossos padrinhos. Eles entraram primeiro e em seguida entrei com minha mãe. Todos ficaram emocionados. Muitos dos que estavam na igreja haviam presenciado meu sofrimento. Minha tia Vicentina chorou ao me ver entrar. Quando a porta se abriu e Jane entrou com seu pai, quase desmaiei de emoção. Não acreditava que eu havia conseguido encontrar uma esposa. Ela estava linda e tão nervosa que nem reparou nos violinistas que eu tinha contratado. Fiz questão de colocar a aliança em seu dedo, usando a minha prótese.

A festa transcorreu com muita alegria e estávamos muito felizes. Fomos para o hotel por volta de uma da manhã e, às cinco da manhã, acordamos para ir ao aeroporto e embarcar para Porto Seguro, na Bahia. Era a primeira vez que viajaria de avião, e foi emocionante. Tudo transcorreu bem até que, um dia, por causa do sol forte, acabei passando mal ao anoitecer. Disseram que era o “piriri baiano”. Fui auxiliado por um farmacêutico que também estava em lua de mel. Ele me aplicou uma injeção e no dia seguinte eu estava muito bem. Depois de sete dias voltamos para nossa nova realidade. Como seria?



Coloquei a aliança no dedo de Jane, usando minha prótese

A vida a dois

Fomos morar na casa que era do meu pai, que estava vazia. Era a mesma casa em que eu havia morado até o dia do acidente. Ficava pensando como me sentiria voltando para lá sem os braços. Levava uma vida independente naquele lugar. Cuidava de mim, trabalhava para meu pai, tinha meu quarto. Enfim, não viveria nada daquilo novamente. Dependeria de alguém para o resto da vida. A partir de setembro de 2001 passei a conviver com a Jane e dependeria dela desde então. Ela teria de me dar banho, me alimentar e me ajudar a trocar de roupa. Eu pensava em ser o seu parceiro e companheiro nas ideias e na convivência.

Entretanto, esse início da vida a dois nos reservou muitas surpresas. Ela trabalhava bastante e eu ficava em casa com a empregada que contratamos para cuidar da casa e que também ajudava a cuidar

de mim. Eu me sentia meio aprisionado e sufocado por aquela nova condição. Como ocuparia meu tempo? Como podia expressar meus sentimentos e opiniões se a Jane era tão reservada? Estava vivendo um dilema. Passava o tempo trancado em casa, assistindo à televisão. Nas poucas horas livres, Jane não queria sair. Essa situação começou a me aborrecer. Tudo ficou mais fácil a partir do momento em que passei a usar o computador. Falarei disso mais adiante.



Nós nos tornamos o casal Peralta

Os desafios de ser pai

Minha maior alegria foi ter um filho. Quando Jane engravidou, estávamos casados havia dois anos e ainda era um período de adaptação para nós e nossas famílias. Tudo aconteceu de repente. Em maio de 2002 Jane teve uma apendicite e precisou ser operada com urgência. Ao fazer os exames, foi constatado que seu útero estava grande demais. O médico sugeriu que procurássemos um ginecologista para que ela pudesse se recuperar. Foi o que fizemos e com isso soubemos que o útero aumentou de volume em consequência da adenomiose. É uma doença que altera a estrutura interna do útero, impossibilitando a gravidez. Apesar desse diagnóstico, resolvemos tentar e logo na primeira tentativa Jane engravidou.

Em função do acidente de moto, em 1981, Jane precisou fazer fisioterapia durante toda a gravidez, além de seguir uma dieta especial para não engordar muito. Foram nove meses de felicidade para mim e, ao mesmo tempo, de angústia. Não sabia como seria nossa vida e como iria reagir diante das necessidades de meu filho. Quando marcamos a cesariana para 4 de agosto de 2003, eu não sabia o que esperar. Fomos para o hospital e o tempo parecia não passar. Finalmente, Jane saiu da cirurgia e nosso filho foi colocado no berçário. Vi aquela criança pela primeira vez através do vidro. Foi uma alegria imensa. Pouco depois levaram o bebê para o quarto e eu pude ver o Vinicius de perto. Ainda não tinha percebido a dimensão da paternidade e dos desafios que teria de viver.



Nosso primeiro dia em família

Ao voltarmos para casa percebi que o fato de não ter mais os braços seria bastante complicado. Quando eu me sentava, Jane colocava o bebê em meu colo por alguns minutos. Eu tinha muito medo de derrubá-lo ou machucá-lo. Sofria calado e chorava sozinho. Como eu aguentaria, nesse momento tão importante da minha vida, não abraçar meu filho nem lhe fazer carinho com as mãos? Depois de vinte dias passei por uma crise e decidi viajar para Sorocaba, com a desculpa de fazer a revisão da prótese. Eu precisava respirar e pensar em meus limites. Quando voltei, já estava melhor e mais concentrado. Consegui até bancar o canguru e ficar com meu filho um pouquinho no colo.



Nosso primeiro dia em família

Todos os cuidados com a criança ficaram por conta da Jane. Mas, em novembro de 2003, após três meses do nascimento de Vinicius, minha esposa começou a apresentar dores na mão direita, que foram diagnosticadas como tenossinovite de Quervain (tendinite), resultante de vários fatores. Essa doença foi se intensificando e Jane já não podia mais dar banho em nenhum de nós, nem mesmo pegar Vinicius ou sequer retirar o leite extra de seus seios com as mãos.



Estávamos diante de uma crise. Nossa mão de obra ficara doente. Recorremos, então, aos familiares para nos ajudar, e contamos também com nossa empregada, Florisney, que foi formidável. Somente em outubro de 2004, quando o Vinicius completou um ano e dois meses, é que Jane teve alta. Ela voltou a fazer fisioterapia, tomou muitos anti-inflamatórios e, claro, isso tudo abalou nosso casamento. O peso era muito grande para ela.

Eu não podia fazer quase nada para ajudar. De vez em quando dava mamadeira para o bebê, mas tinha muito medo de não conseguir dar conta do recado.

Colocamos o Vinicius em uma escola perto de casa e fiquei responsável por levá-lo até lá todos os dias. Para mim era uma alegria fazer parte da vida do meu filho, além de ser útil para a minha família. Quando saíamos na rua, ele segurava o polegar da minha prótese e não se afastava de mim. Até hoje só saio a pé com meu filho usando prótese. Ele é muito obediente. Atualmente, tem 5 anos e meio, está mais independente e ficamos mais tempo sozinhos. Ele me ajuda em

algumas coisas, mas procuro não o sobrecarregar. Para os colegas, ele costuma dizer que seu pai perdeu os dois braços num choque elétrico e que faz palestras.

No dia dos pais, em agosto de 2008, Vinicius desenhou a nossa família. Ele fez, inclusive, o buraco da minha prótese. Disse para mim que o coração significa nosso amor.

Tornamo-nos então a família Peralta. Nunca imaginei que fosse tão bom ter minha própria família, tampouco que conseguiria constituir uma após ter perdido os dois braços. Nunca devemos deixar de acreditar na capacidade do amor e de amar ao próximo. A vida continua, principalmente quando ainda há muito para ser experimentado. É muito bom saber que as nossas superações fazem diferença também na vida daqueles que nos cercam. Como é o caso da tia Irene:

Deus é tão grande! A partir dessa fatalidade, Flávio só encontrou pessoas boas e generosas em seu caminho. Tinha sempre uma porta se abrindo para ajudá-lo, casou-se com uma pessoa muito dedicada, tem um filho muito bonito, conseguiu trabalho e está reconstruindo sua vida.

Tia Miriam também me ajudou muito:

O Leco recuperou-se, casou-se, teve um filho lindo e passou a se dedicar a outros portadores de deficiências, através do *site*, de palestras, entrevistas e muitos outros trabalhos. Desde então, com a ajuda de uma grande esposa e companheira, ele se tornou um exemplo e motivo de orgulho para si mesmo e para toda a família. Tenho certeza de que o Leco sofreu muito. Não é possível passar por uma tragédia como essa totalmente incólume. Sempre haverá marcas, dores e cicatrizes. Ele foi corajoso e sábio para não se desesperar e enfrentar as adversidades. Não se intimidou, não se

retraiu e não se isolou. Nunca se colocou como vítima nem se revoltou. Pediu ajuda, não pediu piedade, e eu acho que isso fez toda a diferença. Não conheço ninguém que tenha enfrentado uma dificuldade tão grande com tanta dignidade.

Tia Heloína também me passou uma mensagem de otimismo:

Quero lhe dizer que tenho muito orgulho de você por ter vencido. Por ter uma esposa tão querida e um filho saudável e arteiro. Que Deus lhe dê saúde, esperança e fé para continuar a transmitir essa mensagem sobre segurança e de como é difícil ser amputado, mas não derrotado. Com muito carinho de sua tia de coração.



Em 2008 tive o prazer de reencontrar o bombeiro Hélio Paiva, aquele que me socorrera. Foi um encontro emocionante. Tinha levado meu filho a uma praça da cidade para brincar. Parei próximo a uma tenda e fiquei olhando para ele. De repente, um rapaz parou a meu lado e disse: “Não precisa dizer quem é você. Você levou um choque elétrico em 1997 e acho que fui eu que te tirei do poste”. Quando ele disse essas palavras, ambos ficamos emocionados. Naquele momento lhe agradei por tudo o que fizera por mim e por ter tido a coragem de subir naquele poste, ainda com a energia ligada. Esse homem merece toda consideração e respeito.

Ele conta como foi:

Depois de muitos anos não esperava encontrar a vítima de um atendimento que havia feito. Quando eu e minha família fomos à praça da cidade de Londrina, reconheci o Flávio Peralta assim que o vi. Foi uma grande emoção. Saber que ele teve fé em Deus e acreditou na equipe me emocionou bastante. Fico feliz por vê-lo tão bem e com sua família.



A VIDA
PROFISSIONAL

A criação do *site* www.amputadosvencedores.com.br

Minha esposa tinha um computador e, certo dia, comecei a brincar com as teclas para passar o tempo. Até então nunca havia mexido em um computador. A experiência me permitiu descobrir um novo mundo, o da internet. Fiquei fascinado com tudo aquilo e a Jane deu uma ideia: “Que tal você ter aulas particulares para aprender a usar o computador?” Como achei aquela ideia interessante, sem meu conhecimento ela publicou um anúncio nos classificados de um jornal da cidade: “Precisa-se de professor de *web* para aulas particulares para pessoa com deficiência.” Recebemos vários telefonemas de instrutores interessados e optamos por contratar um rapaz que morava no bairro.

As aulas eram ministradas uma vez por semana, até que um dia tivemos a ideia de criar um *site* de ajuda que abordasse vários assuntos direcionados aos deficientes físicos. A ideia era ajudar pessoas amputadas que estivessem na mesma condição que eu. Pensava em tudo que já havia passado e também como sofrera devido à falta de informação. Eu e minha família não sabíamos nada sobre amputação e prótese, nem mesmo como usar a internet.

Assim nasceu o *site*
www.amputadosvencedores.com.br



Quando pensei no *site*, idealizei algo que reunisse muita informação, como artigos, notícias e depoimentos, além de fotos e vídeos sobre o tema. Fizemos a primeira versão com esse conteúdo e fiquei feliz com o resultado. Simultaneamente, criei contas de *e-mail*, MSN e Skype, e me matriculei em uma escola de informática do bairro, juntamente com meu sobrinho Breno. O passo seguinte foi a elaboração de um texto sobre mim, para divulgação na internet. Recebi o apoio da Companhia de Sites, empresa de Londrina, e principalmente de Carlos Bovo, que acreditou nas minhas ideias e me ajudou a fazer mais duas versões do *site*.



Com Carlos Bovo
da Cia de Sites.

Desde 2001, exponho publicamente meu pensamento e minha vida. Muitas pessoas se comovem com minha história e se tornam mais do que parceiras. E tudo isso só foi possível porque entrei no mundo da internet. Fui desvendando aos poucos os mistérios do computador e me encontrei nesse novo universo. Aprendi a digitar com o polegar da prótese esquerda e com o que restou do braço direito. No início, não entendia nada. Mas, aos poucos, perguntando para um e para outro, passei a ter mais conhecimento sobre computação e dei início a uma ocupação. Aprendi a fazer e atualizar o meu *site*. Com isso, deixei de ser um inválido e comecei a prestar um serviço à comunidade, o que me fez sentir cada vez mais realizado e feliz. Compreendi que, quando temos um computador, o mundo pode estar dentro de nossa casa, mesmo que estejamos em

uma cadeira de rodas ou não possamos enxergar, falar ou tocar nas coisas. Conheci tanta gente incrível, muitas das quais são portadoras de alguma deficiência. Cada uma do seu jeito, me fizeram acordar e me sentir amado.

Como diz meu amigo e ex-cunhado Rui:

O Flávio voltou para casa e tentou levar sua vida de amputado. Passou por várias situações. Hoje não reconheço mais aquele rapaz que atendi tantas noites no hospital. Longe de ser um inválido, é, sem dúvida, a pessoa mais forte da sua família. A força que lhe dei no hospital, agora é ele quem a dá a várias e várias pessoas.

Em 2008 lancei a terceira versão do *site*, que recebe em média 50 mil visitas mensais. Possuo mais de 30 mil contatos na internet e faço amigos e parcerias todos os dias em que acordo e respiro. Nunca penso no que não posso, mas sim no que posso fazer. Após meu casamento muita coisa mudou. Foi com a ajuda da Jane que coloquei a prótese esquerda e que descobri o computador, além de entender o significado do amor por uma mulher e por um filho.

A vida de palestrante

Outra mudança importante em minha vida foi conhecer o presidente do Sindicato dos Técnicos de Segurança do Trabalho no Estado do Paraná, Adir de Souza. Em seu depoimento, ele conta como foi:

Meu primeiro contato com o Flávio deu-se através desse meio tão criticado por alguns educadores, a internet. Se não fosse por esse meio de comunicação, talvez nunca tivéssemos nos conhecido.

Por muito tempo conversamos via MSN e trocamos *e-mails*;

assim conheci a sua história e seu *site*, que aliás me impressionou muito, principalmente quando soube que ele próprio o havia criado. Essa sua observação me fez parar para pensar como teria conseguido, uma vez que não tem os braços.

Certo dia, o Amilton, um colega que é técnico de segurança do trabalho de uma grande empresa multinacional, fornecedora de equipamentos para prospecção de petróleo, me ligou e disse: “Adir, estou há pouco tempo nesta empresa e já aconteceram muitos acidentes de trabalho. Em uma reunião na empresa foi decidido que nós deveríamos dar um ‘choque de realidade’ e trazer alguém que tenha sofrido um acidente para fazer um relato aos trabalhadores.”

Respondi de imediato que conhecia uma pessoa que seria perfeita para dar um depoimento, chamada Flávio Lucio Peralta. O único problema era que ele morava em Londrina. O Amilton respondeu que esse não seria um empecilho, pois a empresa arcaria com todas as despesas. Imediatamente, entrei em contato com o Flávio e falei sobre a oportunidade de realizar a palestra e dar seu testemunho referente ao aspecto de prevenção. Assim, Flávio entrou em contato com a empresa e depois soube que ele já estava em Curitiba e nos falamos por telefone.

Hoje somos grandes parceiros e amigos. O Flávio já veio a Curitiba para realizar palestras em nosso sindicato e participar do seminário que organizamos, que reuniu mais de 350 profissionais de segurança do trabalho. Todos se emocionaram com sua apresentação e no final ele foi aplaudido de pé, durante vários minutos, pela plateia.

Até então só conhecia o Flávio pelas vias virtual e telefônica. Em uma das vezes em que ele veio a Curitiba, o Amilton me ligou e disse que o Flávio não iria embora sem antes me conhecer. Em

seguida, ligou para o local onde ele estava hospedado e marcamos um encontro para o final do dia.

Antes de encontrá-lo fiquei me perguntando como ia tratá-lo e qual presente podia lhe dar. Por sugestão de Isabel, minha esposa, levei uma camiseta do sindicato. E assim fizemos. Saímos por volta das 18 h e chovia muito naquele dia em Curitiba, o que não é novidade para nós. Quando entramos no saguão do hotel, ele já estava nos esperando. Pareceu amor à primeira vista e nem por um segundo lembrei de sua “deficiência”. Conversamos alegremente. Eu queria que ele falasse sobre prevenção de acidentes e que seu testemunho nos ajudasse a difundir esse tema.

Faço questão de enfatizar que, enquanto estiver na ativa, vou divulgar o trabalho do Flávio, como se fosse a minha própria missão. Convivemos há anos e nos conhecemos bem. Para mim, o Flávio é como um parente próximo e, sem dúvida, um belo exemplo de valorização da vida.

Lembro que, em 2005, fiquei um tanto apreensivo quando atendi o telefone e a pessoa do outro lado da linha me disse que se chamava Amilton Antunes e gostaria que eu fosse até Curitiba para falar da minha história de vida para os funcionários da empresa Aker Solutions do Brasil. Fui informado que a diretoria da empresa queria ver a apresentação primeiro. Como nunca tinha feito nada desse tipo, relutei muito e disse que não iria. Ele voltou a me ligar, insisti bastante e acabei cedendo. Fui para Curitiba com a Jane e o Vinicius.

Quando chegamos à empresa, fomos levados a uma sala e me pediram para fazer a apresentação. Eu não havia preparado nada, portanto, diante de tantos olhares, comecei a passar mal. Pedi licença e saí correndo da sala. Jane, que estava no fundo da sala desenhando com o Vinicius, veio atrás de mim. Eu lhe disse que não conseguiria fazer aquilo. Ela simplesmente respondeu que, se eu não voltasse e termi-

nasse o serviço, ia me haver com ela. Respirei fundo, tomei coragem e voltei. Olhei para aquele pequeno grupo e pedi desculpas pelo ocorrido. Consegui então terminar minha fala e acabei atendendo às expectativas da empresa e, em particular, às do Amilton. Voltei outras vezes para ministrar diversos treinamentos naquela empresa, já bem mais preparado e com recursos visuais (PowerPoint e dois vídeos).

A empresa preparou um comunicado para os funcionários, que dizia o seguinte:

A preocupação com Saúde, Meio Ambiente e Segurança no trabalho é um dos valores básicos da Aker Solutions. E, para poder desenvolver nossas atividades sem riscos à saúde de nossos colaboradores, organizamos diversos programas e palestras para prevenção de acidentes de trabalho.

Em 2006, organizamos um programa de treinamento de segurança para as lideranças de nossa empresa. O intuito era sensibilizá-los quanto à importância de assumirem suas responsabilidades na prevenção de acidentes de trabalho, cuidando de sua própria vida e da vida de seus subordinados.

Para realizar a abertura deste programa de segurança, estávamos procurando uma pessoa que tivesse vivenciado um acidente de trabalho e que pudesse fornecer um depoimento sobre seu drama pessoal e sua história de superação. Procuramos incessantemente, em diversas entidades de reabilitação, mas não encontramos ninguém com esse perfil.

Por indicação do Sintepar, fomos informados do caso de um rapaz que havia sofrido um grave acidente em Londrina, no Paraná, e que seria exatamente o exemplo que procurávamos para a palestra.

Imediatamente, entramos em contato com o Flávio Peralta. Porém, para nossa surpresa, Flávio não se mostrou muito interessado em compartilhar sua história e negou o convite que lhe fizemos.

Inconformados com a possibilidade de perdermos o relato de tão interessante trajetória de superação, tentamos diversas outras vezes. Na quinta tentativa, conversamos com Jane, esposa de Flávio Peralta, que finalmente conseguiu convencê-lo.

Com o convite aceito e o evento organizado, chegara a vez de Flávio Peralta fazer sua primeira palestra. Um misto de nervosismo e emoção fez com que a atuação de Flávio fosse desastrosa. Definitivamente, nosso convidado não estava emocionalmente preparado para revelar sua história diante de outras pessoas.

Mas como nós, da Aker Solutions, não desistimos facilmente de nossos objetivos, decidimos dar uma segunda chance a Flávio. Fornecemos uma cópia do vídeo Remember Charlie, sobre um norte-americano que também havia sofrido um grave acidente e lhe demos outras orientações de como estruturar uma palestra.

Um mês depois Flávio estava de volta, pronto para enfrentar esse desafio. A palestra foi um verdadeiro sucesso! Nosso convidado surpreendeu a todos com sua desenvoltura, autocontrole e habilidade de envolver e sensibilizar a plateia.

Desde então, Flávio se tornou palestrante em eventos e seminários de segurança. Sua história de superação tem emocionado e sensibilizado plateias por todo o Brasil. Nós, da Aker Solutions, temos muito orgulho de participar dessa brilhante e comovente história de sucesso e superação. Ainda contamos com a parceria de Flávio em todos os eventos de segurança que organizamos. E esperamos que nossa parceria pela prevenção de acidentes de trabalho perdure por muitos anos.

Esse episódio mudou radicalmente minha vida. Eu estava em casa, tranquilo, sossegado, levando minha vida pacata até esse dia. Depois, outra mudança ocorreu quando, em abril de 2006, fui a

Curitiba para participar do casamento de uma prima. No hotel sentei na recepção com meu filho, que na época estava com três anos, e peguei uma revista para ler mais tarde, no quarto. Já em Londrina comecei a folhear a revista e encontrei o anúncio de um evento que aconteceria em Maringá, no Paraná, batizado de “Encontro da Habitação”. Fiquei muito interessado, principalmente por causa dos participantes. Eram pessoas famosas que falariam sobre a questão habitacional, entre outros assuntos. Mande então um *e-mail* para o setor responsável e consegui convites para mim e para a Jane.

Um dia antes da viagem, eu havia mostrado para a Jane o *site* da empresa que estava organizando o evento. Sem o meu conhecimento, Jane enviou um *e-mail* para essa empresa, pedindo que me assessorassem, pois ofereciam curso para palestrantes. No dia seguinte, 18 de maio de 2006, fomos a Maringá, cidade localizada a 100 quilômetros de Londrina, com a intenção de ficarmos somente aquele dia. Chegamos ao local do evento, estacionamos o carro e descemos. Quando estávamos na porta de entrada, encontramos um senhor que procurava seus óculos. Assim que Jane o avistou, reconheceu o organizador do evento, para o qual havia enviado o *e-mail*. Imediatamente, paramos diante dele e Jane lhe disse: “Sabia que eu te mandei um *e-mail* ontem?” Ele respondeu: “É mesmo? Para quê?” Jane começou a conversar com ele, mas eu, ali ao lado dos dois, não abri a boca. Ele olhou rapidamente para mim e perguntou se eu podia ir a São Paulo na semana seguinte. Ele tinha iniciado um curso de formação de palestrantes e queria que eu fosse para lá. Disse ainda que não ia cobrar minha inscrição nem a da Jane porque minha história era uma metáfora que precisava ser aproveitada.

Ouvimos aquilo e não acreditamos. Era justamente o que Jane havia pedido para ele por *e-mail*. Voltamos a Londrina naquele mesmo dia e, no seguinte, fomos comprar as passagens de avião. Pre-

paramo-nos para viajar a São Paulo e participar do curso que seria realizado na sexta-feira à noite e no sábado durante todo o dia. Ao todo seriam três finais de semana, não consecutivos. Fomos a todos e aproveitamos o máximo possível. Jane telefonou para seus primos, Linda e Edson, que moram na capital paulista, e eles aceitaram tomar conta do Vinicius, enquanto estivéssemos ocupados.

Assim que chegamos ao local do curso, o anfitrião pediu que eu ficasse do lado de fora da sala, enquanto fazia a abertura para os participantes. Quando entrei, todos estavam sentados a suas mesas (era um grupo de dez pessoas que possuíam bastante experiência na área comercial e empresarial) e falavam de superação. O anfitrião do encontro me apresentou aos presentes e começou a contar a minha história e, em seguida, pediu que eu prosseguisse. Assim que terminei a narrativa, vi que muitos estavam emocionados, e durante a pausa para o café vieram falar comigo sobre minha dor e superação. Fiquei impressionado com tudo aquilo. Era uma situação nova para mim. Depois daquele primeiro, dia fizemos vários exercícios, apresentações e encenações, entre outras tarefas que me ajudaram a descobrir muitas coisas sobre mim que nem eu mesmo sabia, e mais: que tinha vocação para ministrar palestras.

Voltei para casa feliz e disposto a melhorar cada vez mais em minha nova atividade de palestrante. Toda vez que subo ao palco para falar de minha experiência profissional, me sinto muito feliz. Cada olhar, cada abraço e cada aplauso me faz acreditar que é preciso superar as barreiras todos os dias de nossa vida. Não me intimido só porque não tenho os dois braços. Mas não quero mais ver pessoas correndo o risco de ficarem iguais a mim. Por isso, ressalto a importância de usar os equipamentos de proteção individual (EPI) e de seguir as normas de segurança, essenciais para preservar a vida.



Em 2006 fiz algumas palestras e, no ano seguinte, muitas empresas me procuraram para que eu fosse contar minha história e alertar os trabalhadores sobre a importância da segurança no trabalho. Em 2008 obtive muitas vitórias. Fiz uma nova versão do *site*, participei da feira da Reatech (a maior feira de produtos e ideias sobre reabilitação, na área da deficiência, da América do Sul), concedi várias entrevistas a jornais e televisões, estive em outras empresas e conheci muita gente por esse Brasil afora. Continuei recebendo olhares de



Ministrando palestras em diversas empresas do Brasil

espanto, admiração, pena e medo, e despertando muitos outros sentimentos. Mas tudo isso não tem importância. O fundamental é continuar tendo fé para viver. Atividades como cuidar da minha família, amar minha esposa, atualizar o *site* e dar palestras ocupam todo o meu tempo, e tudo isso me faz lembrar que a vida continua. Se meus braços tiveram de ser amputados é porque Deus tinha uma missão para mim. Agora entendo qual é essa missão. Aprendi a deixar de me lastimar e passei a aproveitar todas as oportunidades que me foram concedidas. Pela internet ou por telefone sempre ajudo alguém, ou procuro ajudar, e sempre recebo em troca uma excelente ideia que me ajuda também.

Para falar a verdade, me tornei um “viajante” depois de amputado. Tive a grande felicidade de conhecer alguns Estados e cidades brasileiras, aonde vou para ministrar palestras. Tive também o grande prazer de participar da VII Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade (Reatech), em São Paulo, em abril de 2008. Foi uma excelente oportunidade que tive de mostrar o trabalho desenvolvido pelo *site*. Mais de 30 mil pessoas visitaram diversos estandes direcionados a portadores de deficiência. Foi minha primeira experiência numa feira e me emocionou muito falar com outros expositores, de várias cidades brasileiras, conhecer produtos diversos e conversar com os visitantes. Foi um aprendizado e tanto!

Tornei-me outra pessoa após o acidente. Foi uma longa construção que demandou muita paciência e persistência. Não foi algo que planejei, mas que aconteceu. Como diz meu primo Alexandre:

Flávio passou por momentos muito difíceis, mas se tornou um homem de referência nesta sociedade. Após alguns anos sem contato com ele, fico muito contente em ver como o Leco cresceu com a

adversidade em sua vida. Palestras, livros e trabalhos com pessoas, para a conscientização, são atividades que amadurecem qualquer pessoa e a torna ainda mais especial. Serei sempre um dos maiores apoiadores para qualquer iniciativa como esta, pois é disso que a sociedade precisa.

A criação da mascote “O Peralta” e da cartilha sobre segurança no trabalho

Era sábado e eu, minha esposa e meu filho resolvemos passear num *shopping* da cidade. Jane entrou em algumas lojas, enquanto eu e Vinicius ficamos no parque infantil. Quando nos cansamos, sentamos na praça de alimentação, esperando a Jane voltar para irmos lanchar. De repente, uma moça nos entregou uma cartilha que falava de como os clientes do *shopping* podiam ajudar a preservar o meio ambiente, utilizando corretamente as lixeiras da praça de alimentação. Nós três achamos a ideia muito legal, principalmente porque havia desenhos e jogos infantis. Jane olhou no verso da cartilha e viu o nome do ilustrador: Roger Cartoon.

Durante o trajeto para casa começamos a conversar sobre a cartilha e surgiu a ideia de criarmos algo parecido em relação à segurança no trabalho, com o mesmo perfil daquela cartilha sobre o meio ambiente. Assim que chegamos em casa, Jane procurou na internet o telefone desse cartunista e ligou para ele. Ela se apresentou e começou a contar a minha história. Roger ficou admirado ao saber de minha luta e superação. Naquele momento, resolvemos criar uma mascote, ou seja, um desenho que fosse parecido comigo. Ele pediu que elaborássemos o texto da cartilha e que fôssemos ao seu escritório assim que ficasse pronto.



Marcamos então uma reunião para que ele pudesse me conhecer pessoalmente e pensarmos sobre o assunto. Assim que chegamos ao seu escritório, percebemos que se tratava de um ser humano espetacular. Ele criou a mascote em cinco dias — “O Peralta” — e ilustrou toda a cartilha. E, em quinze dias, nós estávamos com essa criação em nossas mãos, além de contarmos com o apoio de duas empresas para patrocinar a cartilha. Ficamos muito felizes e tenho certeza de que não nos encontramos por acaso. Nossa parceria levará aos trabalhadores a mensagem de que praticar segurança no trabalho significa viver e viver com saúde. Agradeço imensamente ao Roger por esse presente.

OS DEPOIMENTOS DE CLIENTES SOBRE AS PALESTRAS

Há vários anos eu escutava sobre o Flávio Peralta, especialmente através do site “Amputados Vencedores”; mas só no início desse ano eu tive a oportunidade de conhecê-lo, quando ele nos procurou para que pudéssemos apoiá-lo para a reparação de sua prótese. Desde o primeiro momento que o conheci me impressionou sua garra e disposição para alcançar seus objetivos. A partir dessa sensação, eu estava convencido que valeria a pena apoiar esse lutador e que sem dúvida, nos interessava ligar o nome de nossa empresa à atitude do Flávio perante os desafios da vida. Tradicionalmente nossa empresa busca apoiar pessoas com deficiência física que possam servir de exemplo e motivação para outros indivíduos que enfrentam o desafio da reabilitação e reinserção social, através de uma atitude positiva e a coragem de superar os desafios que se apresentam. E indiscutivelmente o Flávio se encaixa nesse perfil. Em paralelo ao importante trabalho de estímulo à prevenção de acidentes no exercício profissional que o Flávio executa, também estamos trabalhando juntos para mostrar aos deficientes físicos que a reabilitação é possível, desde que os recursos disponíveis possam ser oferecidos aos que necessitam deles e que esses deficientes possam aceitar sua situação e lutar para superar esse desafio. Depois de conhecer melhor o Flávio e sua família, nós valorizamos mais a vida e o seu maior sentido: uma oportunidade de crescimento como ser humano.

Wilson Zampini - Diretor – Otto Bock do Brasil

O grande desafio de qualquer líder hoje em dia é atrair e reter talentos. Engajamento e motivação da equipe são fundamentais. Existem muitas técnicas e ferramentas para motivar uma equipe e, sem dúvida alguma, palestras motivacionais são peças importantes no re-

pertório. Posso afirmar sem sombra de dúvida que, depois de ouvir as histórias do Flávio, todos sairão unidos, focados e com uma nova visão positiva do que são capazes de fazer.

Raul Candeloro – VendaMais

Um grande coração !!! Conhecemos Flávio Peralta, se não me falha a memória, na primeira REATECH, em 2002. Na ocasião, nos contou como perdeu os braços num choque de alta tensão e que a partir de então, vem se dedicando à causa da pessoa com deficiência, fazendo de sua vida e de seu aprendizado diário, uma lição para tantas pessoas. Sua história de vida e sua deficiência, seu casamento, a experiência de ser pai e o seu trabalho tanto no site como em palestras voltadas à segurança do trabalho, e a sua persistência, são motivo de orgulho para sua família e também para os amigos, que tanto o admiram. Flávio não é só um homem grande no tamanho. Ele é grande nas suas atitudes. Grande nas suas conquistas, grande nas suas ações e no seu empreendedorismo. Grande pai, grande chefe de família, grande profissional... um grande exemplo. E acima de tudo, um homem com um grande coração. Que trabalha dia e noite pela causa da pessoa com deficiência e pelos interesses comuns desses mais de 45 milhões de brasileiros, que como ele, tem ainda muito a conquistar e que serem reconhecidos em sua cidadania e qualidade de vida. Parabéns pelo seu trabalho “grande” amigo !!!

Rodrigo Rosso – Diretor e Editor da Revista Reação.

FAMILIARES DE FLAVIO PERALTA





COM SEUS SOBRINHOS BRENO E CIRILO



COM SUA MÃE E SEUS IRMÃOS FABIO, FATIMA E MARIA HELENA

FAMILIARES DE JANE PERALTA



AVENTURAS DE UM AMPUTADO





O FUTURO

Quero terminar o livro com a seguinte frase: que toda pessoa preserve sua vida e garanta o seu bem-estar, trabalhando de maneira segura para não ficar se lembrando de alguns feitos do passado somente por meio de fotos, como eu fiquei. Devemos sempre pensar que nossa vida vale mais do que qualquer trabalho urgente e importante. Meu irmão Fábio sempre me alertava sobre os riscos que eu corria e sobre meu comportamento irresponsável. Infelizmente, eu não o ouvia. Ele tinha toda razão!

Hoje sou mais concentrado, equilibrado e penso muito em minhas atitudes. Aprendi a preservar o bem mais precioso: minha vida. Nunca pensei em desistir. Sempre tive dentro de mim uma expectativa muito grande de colocar uma prótese e viver a vida normalmente. Nem imaginava que teria esposa e filho, mas hoje agradeço a Deus a oportunidade que me deu de ter uma família maravilhosa. A vida me deu muitas coisas depois do acidente e eu teria perdido muito se não tivesse sobrevivido. Todos os momentos de sofrimento e dor foram compensados pelos anos maravilhosos que passei posteriormente.

Por isso, não devemos desanimar ao enfrentar os desafios de uma amputação ou de um tratamento médico. Depois da tempestade vem a bonança. Agradeço a Deus pelos bons momentos que me deu e também a cada uma das pessoas maravilhosas que conheci.

Se você é um daqueles que não cuida direito de sua vida em casa, na rua ou no trabalho, lembre-se do Flávio Peralta.

Obrigado a todos.

PRIMEIRA EDIÇÃO

Editora Conex - Grupo Nobel

COLABORAÇÃO NA 1ª EDIÇÃO

Supervisora editorial Márcia Duarte

Produção gráfica e direção de arte Vivian Valli

Assistente de produção Paula Casarini

Coordenação editorial, composição e criação de capa Silvia Souza/Et Cetera Editora

Preparação de texto Silvia Giurlani

Revisão Kleber Kohn e Melania Scoss/Et Cetera Editora

Foto da capa Pierre Rosberg/Getty Imagens

Diretor - Ary Kuflik Benclowicz

COLABORAÇÃO NA 2ª EDIÇÃO

Produção Gráfica - Odirlei Antonio Costa e Carlos Alexandre Bovo

COLABORAÇÃO NA 3ª e 4ª EDIÇÃO

Produção Gráfica - Simone Godoy

Impressão Editora e Gráfica Santuário



www.amputadosvencedores.com.br

flavio@amputadosvencedores.com.br

